

200
PE. AZARIAS SOBREIRA

A bondade converte maior número de pessoas do que o zelo, a ciência e a eloquência; e sem a bondade êsses três reunidos a ninguém consegue converter.

FABBER

EM DEFESA
DE UM
ABOLICIONISTA

(Resposta ao "APOSTOLADO DO EMBUSTE")

1 9 5 6



*Editora A. Batista Fontenele
Rua Senador Pompeu, 1118
Fortaleza — Ceará*

CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO
DA
ASSEMBLÉIA MUNDIAL DA JUVENTUDE

JOSE CAMBRIELLA

SECRET. GRAL. ADJUNTO A. M. J.

Av. Presidente Vargas, 590 sala 1401
Rio de Janeiro - GB. - Brasil

Caixa Postal
2871 ZC-00

RESPOSTA AO
"APOSTOLADO DO EMBUSTE"

PE. AZARIAS SOBREIRA

A bondade converte maior número de pessoas do que o zelo, a ciência e a eloquência; e sem a bondade êsses três reunidos a ninguém conseguem converter.

FABBER

**EM DEFESA
DE UM
ABOLICIONISTA**

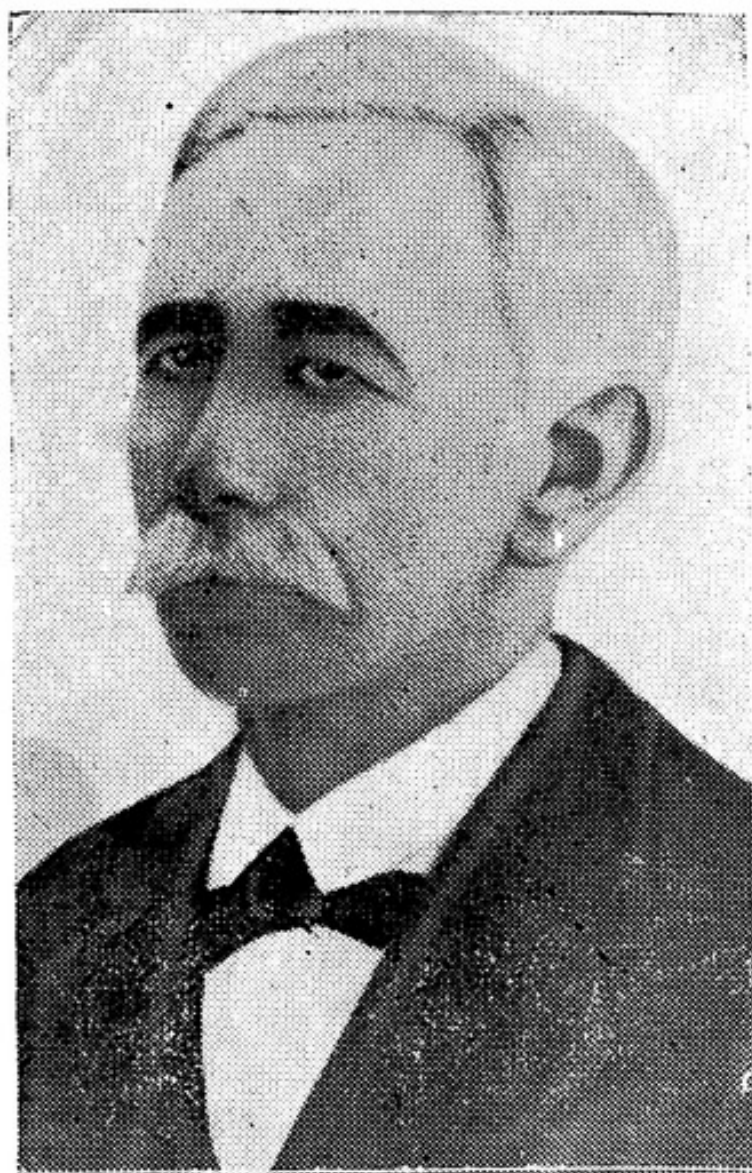
(Resposta ao "APOSTOLADO do EMBUSTE")

1 9 5 6

EDITORA A. BATISTA FONTENELE

Rua Senador Pompeu, 1118

Fortaleza — Ceará



PROFESSOR JOSÉ MARROCOS

EM DEFESA DE UM ABOLICIONISTA

I I

“E’ sempre à verdade que cabe, depois de tudo, a vitória definitiva.”

Farias Brito

A “firmeza é própria de um caráter superior, enquanto a inconstância e fraqueza são próprias de espíritos vulgares. A humildade exige, entretanto, que mantenhamos com moderação os nossos pontos de vista, sabendo telegrafar a opinião contrária, sem ofender os que possuem idéias que se choquem com as nossas. Com isto não combina o homem apegado às suas idéias pessoais: êle se serve da audácia e violência para atacar. Maltrata, injuria, afronta quem quer que se atreva a discordar de seu ângulo visual. Verdadeiro tirano que se revela insuportável.”

Lacordaire

PREÂMBULO

Muito de propósito encimei esta tréplica com os dizeres supra para que nem por um milímetro eu me afaste do ideal traçado pelo Divino Mestre e que o citado filósofo Farias Brito tão acertadamente concretizou nesta outra sentença lapídara: “A verdade é o nosso dever su-

premo. Mas, para que sejamos verdadeiros, devemos reconhecer, em todos os que se apresentam como órgãos de uma consciência, o mesmo princípio que nos anima, e respeitar neles o que queremos seja respeitado em nós.”

Desejo declarar, antes de tudo, que faz parte de meu programa de vida amar as pessoas que, num gesto caridoso e humano, me confortam com o seu aplauso e solidariedade; mas não menos trago na lembrança aquilo de Jesus Cristo: “Amai aos vossos inimigos: fazei bem àqueles que vos fazem mal; orai pelos que vos perseguem e caluniam.” E por isto, como também por um sentimento de tolerância que já se tornou carne de minha carne e osso de meus ossos, acostumei-me a rezar por todos aquêles que não simpatizam comigo e me fazem sofrer. Quero bem de coração a quem aponta meus erros e fraquezas, ajudando-me a cair em mim mesmo e corrigir-me com maior prontidão.

PÃO-PÃO, QUEIJO-QUEIJO

Feita esta introdução, peço aos que houverem entrado no conhecimento de minha primeira *plaque*tte com o título da presente publicação, e que depois leram a resposta de meu antagonista, licença para falar em termos mais significativos.

Bem sei que a ética social e a boa educação nos aconselham a fugir de tôda polêmica de caráter muito pessoal, uma vez que o objetivo marcante é e deve ser a conquista da verdade, e não desabafos do amor próprio ferido, dos quais resulta desedificação pública, desprestígio da classe, regozijo dos maus. Mas há casos que podem muito mais do que a lei; e foi por semelhante razão que o apóstolo São Paulo, acotovelado pela protérvia de adversários do

Evangelho, que dêste se prevaleciam, manhosamente, para estabelecerem a confusão no rebanho divino, saiu, certa vez, de sua humildade e desmascarou a impostura, proclamando seus próprios títulos de apóstolo e embaixador de Deus.

Vem isto tudo reclamado pela impressão que, no Cariri e em círculos pensantes de Fortaleza, está produzindo a leitura de violento panfleto que o gratuito contraditor de Marrocos acaba de contrapor à minha referida réplica e a que deu o nome de APOSTOLADO DO EMBUS-TE.

Sabem todos os que me leram com ânimo desprevenido, todos os que privam de minha amizade, com que sentimentos entrei na arena, para aparar os golpes por êle desfechados num respeitado abolicionista, “educador emerito” e jornalista de vastos recursos.

Ignorando ainda certa acusação agora feita ao meu constituinte, falecido, aliás, havia 44 anos, sem haver deixado descendência que agora lhe reivindicasse a boa reputação, fechei os olhos a quaisquer conveniências e disse, em trabalho que saiu impresso e que aparecerá no fim dêste, aquilo que sabia sôbre o morto em questão.

O que foi a despretentiosa defesa por mim produzida, seja no vigor das alegações, seja na elevação da linguagem, tôda ela visceralmente escoimada de paixões e reticências indignas de um homem educado, proclamou-o a imprensa de Fortaleza por alguns de seus órgãos mais salientes, afora quase uma dúzia de cartas particulares, algumas firmadas por intelectuais de valor, todos unânimes em atribuir à minha iniciativa um alcance incomum.

Dada a minha inegável obscuridade e a minha mesma condição de padre velho, que nunca amealhou bens dêste mundo e cuja única riqueza é a sua pobreza honrada e

desambiciosa, só uma explicação descubro para tão espontânea vaga de elogios: o acervo de veracidade inerente ao meu sobredito trabalho e a maneira cavalheirosa como me referi àquele que, tão insólita e deselegantemente, desenterrara um defunto de tantos anos, educador como êle, jornalista também, mas que nunca o molestara, para o expor à galhofa dos espíritos superficiais.

Pesa-me dizê-lo, mas julgo necessário pôr a nu a hediondez de certos homens de imprensa, sobretudo se revestidos das credenciais de mestres da juventude, ou ministros de uma religião de amor. E' preciso que se não generalize semelhante jeito de discutir, em atitude de franca agressão, vomitando insultos e ameaças sôbre quem lhe merecia respeito, mesmo porque, contestando-lhe as idéias, havia-o tratado cavalheirosamente e não deixara de ser seu amigo. Eis, tal qual, a minha condição para com o contraditor de Marrocos.

IRREQUIETO ANTAGONISTA

Para se adquirir uma noção menos rasa do despropósito que presidiu ao aparecimento desta polêmica, gênero de esgrima em que não tenho outro estímulo senão o desejo de ressalvar minha dignidade e a dignidade da classe a que pertenço, basta verificar como êste assunto foi trazido à ribalta pelo meu antagonista, meu ex-aluno e ex-dirigido de Seminário, no Crato.

Conforme se pode averiguar no suplemento dêste folheto, Sua Senhoria, no final de uma curta monografia de exaltação a seu respeitável avô paterno, que lhe havia custeado a educação, entra de improviso, sem a mais pequenina transição, a enxovalhar a memória de José Marrocos. Afora a descaridade de dizer que o finado, sendo filho de uma "cabra", era-o também de padre, e neto de

um jesuíta, circunstância que não interessava ao público e que define a mentalidade do autor, aponta-o como jornalista com um ano de serviço, quando era conhecida, de todo estudioso da história do Ceará, a pujante atividade jornalística de Marrocos, tanto no Rio e Fortaleza, quanto no Cariri. E tudo isto pelo simples prazer de mostrar erudição em sua especialidade e tornar desprezível um nome, até aquêle tempo, geralmente bemquisto de gregos e troianos. E cautelosamente, apesar de competente professor de história, silencia-lhe o brilhante passado de ploneiro da abolição.

Não contente de tudo isto, passa a sustentar que o morto era um jansenista, um aluno expulso do Seminário por indesejável, um católico sem coerência, um roubador de objetos considerados sacros, um burlão, um simulado, um caluniador da divindade, um feiticeiro, um dúplice, um embusteiro-mor, um farçante, um Cagliostro-mirim, o grão mágico do embuste, o Antônio Conselheiro intelectual do Cariri, um tratante, um apóstolo do embuste, um chantagista, e outras delicadezas desta espécie.

No fim, à guisa de resgate de tanta falta de ética e de tanta falta de caridade, põe êste remate a sua monografia: "... professor emérito, muito lhe deve a instrução de Crato, que lhe perpetuou o nome numa de suas ruas, merecidamente."

Mas de quanto levo dito, o mais importante vem a ser o seguinte. Quando me veio às mãos o primeiro ataque à pessoa de Marrocos, apenas o havia lido e meditado suficientemente, tomei da pena e, com a lealdade que devemos uns aos outros, escrevi a Sua Senhoria, sob registro postal, dizendo-lhe do meu pasmo em face de sua atitude e prevenindo-o de que naquela data ia enviar,

para ser editada em Fortaleza, uma contestação à sua referida página contra Marrocos. Desta minha comunicação é testemunha o atual advogado do Banco do Brasil no Ceará, meu amigo e amigo de Sua Senhoria, o Dr. Marcelo Linhares.

Prontamente me respondeu êle, afirmando, em alto relêvo, que assim procedera estribado nos conhecidos artigos de imprensa trazidos à luz pelo Dr. Raul Carvalho e que, não tem sofrido contestação, Sua Senhoria os considerava uma verdade líquida! Só através dessa sua confissão se percebe o senso de responsabilidade de Sua Senhoria, na maneira de apreciar a reputação de um ser humano, máxime se êste já não possui quem o defenda, ou quem tenha coragem para contradizer o acusador.

Ai de minha reputação e da de Sua Senhoria que, como eu, não vai deixar descendência, se daqui a 44 anos, quando o pó do esquecimento houver apagado o pobre rastro de nossa passagem pela terra, alguém de iguais entranhas entender de nos arrancar da sepultura para, firmado em pequeninos indícios, pequeninas fraquezas inseparáveis dos filhos de Eva, expor nossa memória a tão unilateral e tão impiedosa dissecação!

UMA SIMILITUDE

Se após tantos anos depois de sepultados, outro espírito irrequieto, intrigado com o alto conceito de que gozam um José de Alencar, um Clovis Bevilacqua, um Justiniano de Serpa, um Diogo Antônio Feijó e tantos outros, estrêlas de primeira grandeza na constelação nacional, saísse de seus cuidados para dizer que não mereciam tão alta posição, alegando motivos que tais, quem não se indignaria contra um tal processo de demolição?

Não é apenas a ascendência que decide de nossas aptidões psicológicas, de nosso caráter e destino. A prova é haver tanta gente ilustre e respeitável, proveniente de lares decaídos e, ao mesmo tempo, tantos tipos degenerados entre filhos de pais de irreprochável proceder. Quantos gênios nós aponta a história que foram filhos espúrios ou de pais alcoólatras, ou portadores de outros estigmas!

Em qualquer hipótese, *parce sepultis*. Ou melhor: *de mortuis, aut bene aut nihil*. E, se temos de submeter os finados a julgamento de natureza histórica ou de outra elevada finalidade, “tome-se posição”, mas com a serenidade própria dos que buscam a verdade e com um comedimento de expressões que afaste tôda e qualquer suspeita de paixão desordenada.

Basta ler, de olhos abertos, o feroso panfleto de Sua Senhoria para sentir nêle, do princípio ao fim, o sinete inescurecível de um despeito insopitável, uma sêde de destruição, uma ânsia de inutilizar reputações bem alicerçadas, contanto que assim abra passagem para sua arrogante personalidade.

Não é e nem pode ser assim que deve proceder um mestre da juventude, especialmente se encanecido como eu e, como eu, percebendo que o espaço que lhe separa o berço da sepultura se encontra pasmosamente encurtado. Do contrário, ficará sem autoridade para ensinar, sobretudo para ensinar o Evangelho, onde se lê: Se vais levar a Deusa tua oferenda e no caminho te advertes de que teu irmão tem alguma cousa contra ti, volta, vai fazer as pazes com teu irmão e depois vem fazer tua oferenda.

Vale a pena recordar aqui o que nos ensina o Apóstolo São Paulo, numa página imortal: “Meus irmãos. Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se me faltasse a caridade, tornar-me-ia como o som de um

metal ou como o tenir de uma campainha. E, ainda que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios, e possuísse tôda a ciência; ainda que eu tivesse o a fé, a ponto de deslocar montanhas, se me faltasse a caridade, nada seria. E ainda que distribuisse todos os meus bens para sustento dos pobres, de nada isto me aproveitaria. A caridade é paciente e benigna, a caridade não é invejosa, não procede levianamente, não se ensoberbece, não busca seus próprios interêsses, não se irrita, não suspeita mal. . .” (1 Cor. 13, 1-12).

Não conheço espetáculo mais contristador do que um pedagogo, um ministro de religião, despido de delicadeza de sentimentos, impando de confiança em si mesmo, querendo triunfar pelo terror e pela audácia das atitudes.

Não nos basta ensinar o perdão, se não soubermos perdoar; não nos basta ensinar a humildade evangélica, se em nós o que prevalece é a arrogância e o azedume, fonte envenenada donde manou a ruína de tantos outros que, a nosso exemplo, evangelizaram algum povo. Andamos mal em nos contentarmos de recomendar a moderação na linguagem, se procedemos de maneira contrária. E' que as palavras vôam, mas os exemplos arrastam.

INDE IRAE

Quando redigi a minha réplica, sòmente uma expressão me saiu da pena que pessoalmente pudesse me lindrar a Sua Senhoria. Ei-la: “Aconteceu, porém, que, da página 24 por diante, o autor, mudando de rumo, passa a ocupar-se, até o fim, de José Joaquim Teles Marrocos, inolvidável abolicionista, educador e jornalista cearense. E não para apontá-lo ao apreço da posteridade

e sim, para denegrecer-lhe a memória, atribuindo ao mesmo, procedimento tão infamante que, a ser comprovado, pô-lo-á no rol dos Joseph Fouché, Silvério dos Reis e outros que tais”.

Pois bem. Bastou êsse nonada para que Sua Senhoria, perdendo de vista os bonitos exemplos de mansidão que lhe deu, invariavelmente, o Coronel Basílio Gomes da Silva, seu modelar avô paterno, como também o seu papel de natural modêlo de seus discípulos, contra mim saísse a campo com ares ditatoriais.

Vamos às provas.

1 — Para contestar minha inocente afirmativa de haver gozado de “inteira confiança” do primeiro Bispo do Crato, apreciemos-lhe o calibre da contestação, encontrável á pagina 10: “Êsse falecido príncipe da Igreja, temperamentalmente reservado, jamais depositou confiança inteira em pessoa alguma, em que pese ao equívoco do autor da Defesa, no qual observava certo pendor para o que costumava chamar “as cousas de Juazeiro”, a respeito das quais lia exaustivos documentos ao autor da Defesa, como illustração mas também como illustração preventiva e terapêutica.”

2 — Mas não fica nisto só o desabafo pessoal de Sua Senhoria contra mim. Ouçamo-lo à página 43: — “Pedro Lobo de Meneses, pai do autor da Defesa, de tal modo se possuiu da crença na droga **marroquina** que abandonou seu sítio “Pelo Sinal”, terminando por vendê-lo a Reinaldo de Sousa, pai do ilustre Monsenhor Silvano de Sousa e do Juiz de Direito Reinaldo de Sousa. E mudou-se para Juazeiro.”

3 — Ainda, noutro local, à página 53, assim maldosamente se expressa: “Uma das **orações fortes** de José Marrocos, em seu Caderno de assuntos místicos, ainda hoje em estado de quase conservação: “Cobra tú não mor-

deste a... N.... Mordeste ao Venerável Padre José de Anxeta.”

E acrescenta: “O autor da Defesa ensinava-nos no Seminário a fazer “pedra-de-veado” anti-ofídica, ou fôsse para neutralizar veneno de cobra. Uma afinidade do autor da Defesa com José Barrocos!...”

* * *

Chegado a êste ponto, seja-me licito apor alguns comentários à margem dessas insinuações.

1 — Ao primeiro ítem tenho a dizer que, em se tratando de pessoas s;rias, nada há, naquela minha maneira de falar, que mereça a injuriosa contestação de Sua Senhoria. Quando se diz de um médico, ou de um governador de Estado, que se gozou de sua inteira confiança, nem de leve se quer sustentar que se tenha estado na posse de todos os seus segredos profissionais. Confiança assim sômente se encontra, e nem sempre, entre marido e mulher. Não passava aquilo de uma forma de expressão perfeitamente compreensível.

Se eu quisesse, entretanto, reafirmar aquela expressão, não precisaria bancar o gabolas. Bastava invocar dois entre outros fatos conhecidos, por serem de maior evidência. Por exemplo, quando Dom Quintino Rodrigues pretendia fundar a frustrada Congregação Josefina de padres, com que eclesiástico contava Sua Excelência para, apesar de seu atraso, de seus defeitos e de sua pouca saúde, pôr-se à frente daquela arrojada fundação? Qual foi o eclesiástico moço que teve o beneplácito de Sua Excelência para ir mensalmente a Juazeiro, sabendo que a êle se confessava, de cada vez, o Padre Cicero, naquela fase trepidante de desajustamento e incompreensão?

Mercê de Deus, em lugar de envaidecer-me dessas e de outras mostras de paternal confiança, o que fiz muitas vêzes foi despistar a curiosidade dos confrades, dando a entender exatamente o contrário. E, depois de ali ter trabalhado oito anos, levando vida modestíssima, ao sair, entre a vida e a morte, precisei tomar por empréstimo cem mil réis ao advogado Ocelo Sobreira. E tive também que vender dezenas de meus livros que me poderiam servir de preciosa distração, no ostracismo forçado que tinha diante de mim.

Pedro Lobo de Meneses não se retirou do vizinho Município de Barbalha para Juazeiro porque estivesse “posuído da crença na droga marroquina”, como irônicamente escreveu Sua Senhoria. Nascido em Crato, mas passando meses de inverno em propriedade da família à margem do Salgadinho, rio que banha Juazeiro, era natural que meu pai, sentindo abeirar-se do ocaso, preferisse acabar seus dias ali, onde decorrera sua acidentada infância. Foi ali, exatamente, que seu honrado padrasto, receoso de Joaquim Pinto Madeira, que o havia mandado intimar para pegar em armas e acompanhá-lo em seu movimento de rebelião, foi barbaramente assassinado, uma tardinha, com dois tiros e dezoito facadas.

Além de tudo o mais, meu velho pai, saindo de Barbalha, pretendia distanciar-se de um parente que o desacatara em sua sala de jantar e, ao mesmo tempo, estabelecer-se com uma loja de tecidos, ramo de negócio em que fizera independência na cidade de Icó. E Juazeiro, ante o inédito surto de romaria que para lá se encaminhava, era ponto estratégico nada desprezível. Verdade é que aquela estranha agitação em torno de prodígios tão assoalhados, diante da fama de santidade que cercava o futuro Patriarca, impelia-o a olhar o Padre com parti-

cular estima. Aliás, eram contraparentes e amigos de antiga data. Quem, no sul do Estado daquelas eras, não tinha pelo Padre Cicero uma verdadeira veneração? quem não lhe queria bem? quem não fazia questão cerrada de possuí-lo por padrinho de um de seus filhos? O respeitável e culto Bispo de Pelotas, a quem Sua Senhoria se refere em termos tão elogiosos, era, como eu, afillhado de batismo daquele sacerdote, e nascido apenas a quatro quilômetros de Juazeiro.

Pelos modos, tinha meu pai outro objetivo ao mudar-se para aquela povoação, que distava de Barbalha três léguas. Sabe qual vinha a ser? Viúvo e pretendendo casar-se, apesar de envelhecido, parece que naquela muda êle esperava decidir minha mãe, sua prima, já em franca marcha para os quarenta anos e muito agarrada aos sobrinhos, a aceitar-lhe a mão, o que succedeu depois.

Esse Pedro Lobo de Meneses tinha sido um dos elementos mais prestadios na cidade de Barbalha, onde deixou amizades preciosas e um nome respeitado. Quer saber o que dêle diz o historiador cratense Irineu Pinheiro, à página 157 de seu livro "O CARIRI"? Transcrevo-a eu para poupar-lhe canseiras. Ei-la:

"A 28 de Março de 1869, instituiu o missionário a Casa de Caridade de Barbalha, cujo terreno foi doado por Mendo de Sá Barreto.

"É esta, na íntegra, a ata de instalação: "Aos 28 de Março de 1869, sendo êste dia Domingo de Páscoa, foi instituída a Santa Casa da Vila de Barbalha pelo seu fundador e benfeitor da mesma, o Reverendo Padre Mestre José Antônio de Maria Ibiapina, com o número de vinte e três pessoas, como se verá do mapa seguinte, nomeando, na mesma ocasião, os empregados da Casa, como



PEDRO LOBO DE MENESES

abaixo se verá; e para constar em todo o tempo, eu, o regente da Casa, faço êste têrmo em que me assino. Barbalha, 28 de Março de 1869. Pedro Lobo de Meneses.”

“Escolheram os conselhos diretor e consultivo. Daquele participaram, entre outros, Pedro Lobo de Meneses, regente, pai temporal e primeiro benfeitor da Santa Casa, e o Vigário Padre João Francisco da Costa Nogueira, pai e diretor espiritual. (Livro do Arquivo da Matriz de Barbalha).

“Consideram Pedro Lobo de Meneses primeiro benfeitor por ter êle presenteado a nova instituição com a importância de dez contos de réis, elevadíssima em referência àquela época.”

Até aqui a página de Irineu Pinheiro.

* * *

Quer Sua Senhoria saber em quanto poderiam montar, na moeda depreciada de hoje, aquêles dez contos de réis que o autor dos meus dias ofertou, em 1869, para a Casa de Caridade de Barbalha? Nada menos de seiscentos contos de réis, ou sejam Cr\$ 600.000,00 da atualidade.

Varão de poucas letras, mas com grande prática comercial e com um ativo de diversas viagens a Recife e Fortaleza, foi um homem sério, desassombrado, manso, temente a Deus e havido como pai da caridade naquela terra, onde passou cêrca de vinte e cinco anos. Com êle se carteava o santo missionário cearense, Padre Ibiapina, e dessa correspondência guardo comigo onze preciosas epístolas.

Para Sua Senhoria saber, entretanto, como se alongou da verdade e da justiça, atribuindo a meu pai o que irônicamente se compraz em chamar de “droga marroqui-

na”, dir-lhe-ei, à fé de minha palavra, que nunca vi nem soube o autor de meus dias, embora fôsse leal amigo do Patriarca, na casa dêste último. O que sucedia era o contrário: era o Patriarca ir, de longe em longe, visitá-lo em nossa residência, onde, sem a menor sombra de fanatismo, todos o estimavam de coração.

Mas é assim mesmo: será o homem o que suas ações o revelarem. Cada qual dá do que possui.

* * *

Ao terceiro ítem, eis o que tenho a adiantar:

Quando Sua Senhoria, a êste seu antigo professor pretende injuriar, dizendo maldosamente que por vêzes o viu ensinando a preparar o conhecido contra veneno de cobra, comumente chamado pedra-de-veado, simplesmente eu o lastimo. Lastimo-o porque Sua Senhoria, se ainda não perdeu o senso de suas responsabilidades, fingiu encontrar descaída moral onde só existia sentimento humanitário bem entendido. Não há negar ser aquele tratamento anti-offídico de surpreendente efeito, e ter salvado muito sertanejo de morrer sob a picada de cobras venenosas.

A Sua Senhoria devo ter explicado, então, onde aprendi aquela meizinha: num jornal do interior de Minas Gerais e no convívio do Vigário Geral dessa cidade, Monsenhor Vicente Sóter de Alencar, cujo irmão sacerdote, de santa recordação, entregava-se, como eu, a êsse género de solicitude para com os deserdados da fortuna.

Assim, infelizmente, são diversas das alegações constantes do seu panfleto APOSTOLADO DO EMBUSTE. Pelos autos, quererá Sua Senhoria que por essa mesma forma o venham a tratar, mais adiante, seus ex-alunos,

votando-o ao desprezo, como acaba de proceder comigo que, bem ou mal, fui seu professor e diretor interno de Seminário? Mas Deus lhe perdõe, como seu divino Filho perdoou aos que contra Ele, agonizante, vomitavam insultos e blasfêmias. Não me causaria nenhum espanto, contudo, que, volvidos mais alguns anos, Sua Senhoria, a exemplo de alguns outros que se haviam constituído espontâneos inimigos de Juazeiro e seu fundador, tendo perdido sua boa estréla, só puderam encontrar paz naquella terrinha tão malsinada. E foi de lá que alguns dêles, positivamente modificados, partiram para a eternidade sob as bênçãos daquela população eminentemente laboriosa e ordeira, cuja preocupação máxima, nem sempre na medida ideal, é servir a Deus e alcançar o céu à sombra da Santa Igreja Católica, Apóstolica, Romana, como incessantemente foi aconselhada pelo Padre Cícero Ro-

NOTA — Para se ter uma idéia da perfeita ortodoxia constante da orientação dada pelo Padre Cícero a seu povo, vem a proposito referir o caso seguinte. Em 1925, no auge da polêmica travada entre o atual Monsenhor Manuel Macedo e o caudilho Floro Bartolomeu, no silêncio de meu gabinete onde conversávamos a sós, enderecei àquele esta pergunta: — Macedo, bem sei que você está ressentido com o Padre Cícero, e não sou eu quem lhe negue a razão. Mas me diga, à luz de sua consciência, o que lhe parece dos conselhos do Padre Cícero. — “Só o Papa os poderia dar melhores”, — respondeu, sem titubear, o interpellado.

E cumpre ponderar que Monsenhor Manuel Macedo figura entre os mais cultos, virtuosos e conspícuos membros do Clero Brasileiro. E ninguém, mais do que êle, teve reiterados ensejos, quando menino, e depois de padre de ver e ouvir o Patriarca em suas falas e conselhos a pessoas de todas as categorias que o consultavam, procedentes de todos os recantos do Nordeste.

mão Batista, que nunca abriu a boca para falar mal de um sacerdote.

Por tal forma teria resgatado o desassossêgo, que imprudentemente plantou em milhares de espíritos primitivos.

AFIRMAÇÃO IMPENSADA

Passando a analisar outras assertivas de Sua Senhoria, começemos pela de haver Marrocos, no derradeiro ano de sua vida, transferido sua residência para Juazeiro, onde teria tentado ressuscitar a vencida questão religiosa e feito manifesta campanha de descrédito contra a Autoridade Episcopal.

Até onde chega ao meu conhecimento, a realidade é bem outra. Marrocos, velho, adoentado e desiludido, ao fixar residência em Juazeiro, um ano, aliás, antes de sua morte, não foi colaborador assíduo d'O REBATE, redatoriado que era por Alencar Peixoto, dono da emprêsa, e Floro Bartolomeu da Costa, médico baiano ali recém-chegado, um e outro fogosos e destemidos homens de imprensa, positivamente interessados em adquirir popularidade.

Nem foi Marrocos atraído a Juazeiro com os fins inconfessáveis que Sua Senhoria inculca. O intuito do Padre Cicero, empenhando-se pela presença daquele educador, ao que tudo indica, era conseguir, por intermédio do mesmo, uma certa instrução secundária na juventude juazeirense, que começava a sonhar com melhores dias, mesmo em vista da grande preocupação do momento, que era a autonomia municipal da localidade. Dou outro lado, esperava o Padre Cícero que Marrocos, ex-professor do Redator-Chefe d'O REBATE e alvo extremado

da admiração dêste último, exercesse sôbre o mesmo, um gênio bilioso e arrebatado, a desejável influência moderadora.

Quanto ao fato a que alude Sua Senhoria, de haver O REBATE, ao tempo da morte de Marrocos, declarado que êste havia sido colaborador daquele semanário, os que lidamos com êsses assuntos podemos, sem esforço, reduzir a expressão a seus justos limites. Quando se trata de personagens de relêvo, basta que estas tenham mandado uma ou duas colaborações para determinado órgão de imprensa para que êste se considere com o direito de afirmar que possui, naquela entidade, um colaborador...

Como uma paixão desordenada pode transtornar o verdadeiro sentido dos acontecimentos e induzir a condenar, como um infame, alguém que, no tribunal divino, talvez esteja mais seguramente amparado do que nós dois! Aliás, não é lícito julgar a respeito das intenções dos outros: **de internis non judicandum.**

Adotado que seja um tal critério de julgamento, unilateral e ressumante de espírito sectário, nenhum homem de projeção política ou religiosa, mormente se envolvido em questões de tão melindroso caráter, escaparia à reprovação e ao vilipêndio.

Por que enxergar sômente a Marrocos como pessoa capaz de produzir aquelas farpas, absolutamente condenáveis, contra o venerando Bispo Diocesano, ou mesmo contra certos bispos em geral, se ali se encontravam os outros dois jornalistas acima referidos, de notória e ostensiva combatividade? Pelo menos, quando Alencar Peixoto, em 1912 (?), partiu definitivamente de Juazeiro, publicou, pela imprensa de Fortaleza, uma declaração que terminava assim, mais ou menos: "..... tendo usado, para com meu

Superior Hierárquico, expressões que por demais o susceptibilizaram....., achava-me com meu sacerdócio inutilizado pela censura eclesiástica..... Assim, reconciliado com meu Deus, com meu próximo e comigo mesmo, pois precisava de ondas de paz para afogar as tristezas de minha alma, cumpria-me fazer ao público solene deliberação. Ei-la aí, pois.”

* * *

Quanto a determinadas expressões menos respeitadas, que Sua Senhoria afirma ter descoberto nos arquivos, expressões essas de Marrocos para a augusta pessoa do Diocesano, convém ponderar que, do outro lado, nem sempre se escolhiam meios para emudecer e desnortear, pela palavra escrita e falada, os defensores do Padre Cícero. Hoje em dia, decorridos sessenta e cinco anos, é-nos muito fácil sentir a estranheza de uma tal atitude, ante a qual parece que o advogado da Defesa, em 1891, era um homem irreverente e desmedido na linguagem, o que não corresponde à realidade objetiva.

Não serei eu, entretanto, quem justifique a Marrocos, ~~irrestritamente~~, nessas raras expressões, incompatíveis com um sentimento católico idealmente disciplinado. Mas é possível que a Sua Senhoria falte a devida autoridade para, a tão grande distância no tempo e no espaço, condenar Marrocos sob tal aspecto, uma vez que Sua Senhoria nem sempre andou isento de indisciplina na maneira de falar e escrever.

Enfronhado em Direito Canônico, Teologia e História da Igreja, não ignorava o defensor de Juazeiro que, apesar dos esforços de Roma, em todos os séculos, sem exceção sequer do primeiro da era cristã, têm aparecido sacerdotes e até prelados arredios de seus sagrados deveres,

jungidos a sentimentos subalternos e, portanto, capazes de tudo, sempre que esteja em jôgo seu amor próprio exacerbado.

Dom Joaquim, não obstante o seu edificante zêlo, a austeridade de seus costumes, sua eloquência e impecável compostura prelatícia, tivera apenas um triênio de Seminário ao ascender ao sacerdócio. Além disto, só admitia por verdadeiros milagres os fatos que, como tais, nos são inculcados na Escritura Sagrada, conforme o reafirmou, em 1910, no próprio Paço Episcopal, a alguns Bispos do norte do Brasil, reunidos em concílio na capital de nosso Estado. E Marrocos, possuído de ingênua convicção em tôrno de sua causa; Marrocos, não ignorando donde haviam saído um Ario, um Eutiquio, um Couchon, um Lutero, julgava-se com o direito de ir mais longe do que a reverência filial lhe permitia.

Mas uma cousa é fora de dúvida. Ainda no aceso daquela batalha ensurdecadora, nem um instante Marrocos contestou o legítimo direito que possui a Autoridade Diocesana de tomar conhecimento de qualquer irregularidade ocorrida dentro de seus domínios, máxime se tal irregularidade atinge, como no caso em fóco, os interêsses sagrados do Dogma e da Moral. Jamais deixou Marrocos de reconhecer na Santa Igreja o direito de, na pessoa de seus Bispos e Vigários, defender o patrimônio da Revelação contra tôda sorte de assaltos do inferno.

O PACTO DO SIGILO

Com o fim de despistar a fôrça de meu argumento, quando estranhei que, tendo sido quatro as figuras crastenses que assistiram à entrevista de Antônio Luís com o Padre Cícero, nenhuma delas, durante 44 anos, houves-

se traído aquêlê segrêdo, eis como Sua Senhoria se explica, à página 9:

“Quanto a José Dourado, sabe-se que era leal como aço a seu chefe Antônio Luís Alves Pequeno. Alguns membros da família Antônio Luís, a par da entrevista e seu conteúdo firmaram um pacto de sigilo em tôrno do assunto, por motivo da tradicional amizade entre essa Família e a do Padre Cícero, bem como tendo em vista os laços político-partidários que uniam a primeira ao Padre Cícero. Falecidos êste e Antônio Luís, os sobreviventes da tribo do segundo, senhores do segrêdo, o historiador Irineu Pinheiro, por exemplo, mantiveram o sigilo. Porém o Dr. Raul de Sousa Carvalho o rompeu em 1953, peia imprensa, após o seu regresso ao Ceará e um passeio a Crato e Juazeiro.”

* * *

Só ignorantes da realidade caririense ou de excessiva boa fé poderão engolir uma tal explicação. Que amizade era essa, tão sagrada e inviolável, que permitia, não sem notório e pleno apoio do Cel. Antônio Luís, que o Dr. Raul Carvalho, seu sobrinho afim e juiz de Direito interino nessa terra, tratasse o Pe. Cícero com tão violentas e revoltantes mostras de hostilidade, quais as que Raul Carvalho tornou conhecidas em seus discutidos artigos publicados nos Diários Associados?

Que amizade tão inviolável era essa que o citado Juiz de Direito, nascido na serra da Ibiapaba e educado em Fortaleza, exatamente depois de seu noivado na família Antônio Luís, passou a escrever violentos artigos contra a terra do Padre Cícero, culminando tudo isso na afrontosa atitude que adotou para com aquêlê sacerdote após

a morte de Marrocos? Quem ali viveu naquela época sentia, de maneira iniludível, que Raul Carvalho ecoava apenas o sentir do situacionismo local, não enxergando melhor maneira de atrair os aplausos da família de sua jovem e prendada espôsa.

Que amizade tão sacra e inviolável era essa que permitia ao Cel. Antônio Luís desabafar-se cara a cara, com o Padre Cícero, de caso bem pensado, empregando aquelas expressões de portão de feira citadas por Sua Senhoria? Quem não percebe prontamente que aquilo não é jeito de quem tenha qualquer vislumbre de amizade, especialmente se é, como de fato era, homem de boa educação. A verdade é que ninguém teve jamais uma tal coragem de falar ao Padre Cícero por aquela forma: “Tome lá as suas porcarias!”

Que amizade era essa que, por quase mais dois anos, ainda animou aquêlê chefe político a manter, pelo semanário que lhe obedecia incondicionalmente e era redigido sob suas vistas, uma campanha sem quartel e das mais violentas contra Juazeiro e o seu justo ideal de independência política? Caso único na história do Ceará, minha terra-berço, com uma população urbana de vinte e cinco mil almas, não conseguia governar-se por si mesma; antes sofria repetidos vexames e humilhações, porque, mesmo contando com a boa vontade do Governo Estadual, a isso se apunha, com um ardor digno de melhor causa, o Cel. Antônio Luís!

Foi necessário que, cansados de tanto esperar e sacudidos pelo verbo altiloquente de Alencar Peixoto e Floro Bartolomeu, quatrocentos de nossos homens pegassem em armas e proclamassem alto e bom som: “Aqui não se paga mais imposto a Crato.”

Dado, porém, na mais improvável das hipóteses, que o encontro ao pé do Cemitério do Cólera se houvesse revestido daquelas côres e daquele desmarcado azedume, é absolutamente certo que o Patriarca teria infalivelmente perdoado, como sempre perdoou a todos que o injuriaram, oralmente ou por escrito; mas nunca teria constituído o Cel. Antônio Luís, como mais tarde o fêz, seu testamenteiro, ou seja — alvo de sua irrestrita confiança.

Pensarão de modo diferente apenas os que não conheceram aquêlê caráter de rija têmpera, aquêlê ânimo desassombrado que nunca trepidou diante de nenhum perigo, nunca baixou a um ato de bajulação a quem quer que fôsse.

Tão forte era, no velho sacerdote, a preocupação de se manter a cavaleiro de umas tantas condescendências que sua voz interior, tal qual, não pudesse subscrever, que, mesmo tendo de combinar com a opinião do interlocutor,

NOTA — Em tôrno das afirmativas acima, manda a justiça que se faça a seguinte observação. A cidade do Crato não responde nem pode responder por determinadas atitudes assumidas pela facção política dominante em certas fases de sua existência, como povo. Sobretudo do comêço dêste século até o aparecimento do Govêrno Justiniano de Serpa, tempo em que o mandonismo sertanejo era uma realidade inescurecível; não admira que se registrassem na Princêsa do Sul do Ceará, terra em que a fidalguia dos sentimentos e altitude do ideal se impõem com a fôrça de um axioma, cenas como aquelas acima descritas. E aí se acha a história de todos os povos, sem exceção dos mais civilizados, para atestar que nenhuma coletividade está isenta de possuir governos ao arrepio de seus sentimentos e convicções.

era-lhe frequente externar-se por esta forma: “Não! Você precisa entender isso melhor.”

“UMA PISTA”

A página 25 de APOSTOLADO DO EMBUSTE, diz o seu autor: “... a tradição oral... atribui a José Marrocos o papel de embusteiro-mor nesse embuste.”

Exatamente à margem dos dizeres acima é que vou tecer alguns desprezenciosos comentários.

Essa afirmação de Sua Senhoria, atribuindo a Marrocos a autoria intelectual de execrandos embustes com o fim manifesto de produzir os chamados “milagres de Juazeiro”, é mais uma de suas afirmativas de escabrosa e difícil comprovação. Senão, vejamos

No Crato, muito antes de Sua Senhoria, morou o autor destas linhas, durante 10 anos, sempre na ocupação de cargos de algum relêvo; e nunca ouviu falar em tal cousa.

No Crato, durante 39 anos, morou o Padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, depois primeiro Bispo de Crato; e nunca, conforme Sua Senhoria reconhece, êle que tinha consigo tódas as possibilidades de inteirar-se de semelhante “tradição oral”; êle que, depois de haver sido professor e reitor do Seminário dessa cidade, aí foi Vigário e, logo em seguida, Bispo por 29 anos consecutivos; êle que conhecia, como ninguém, os homens e as mazelas de todo o Sul do Estado; êle que aí foi um verdadeiro oráculo, a quem meio mundo citadino ia levar suas queixas e ansiedades; êle nunca, jamais, não obstante sua pasmosa capacidade de observação serena, soube de tal cousa.

No Crato, antes de mim e Sua Senhoria, nasceu o Dr. R. Gomes de Matos, que aí passou a infância e parte da adolescência; aí voltou freqüentemente, quando acadêmico, advogado e Diretor da Faculdade de Direito, fazendo parte das melhores rodas da cidade, gozando de crescente e incontrastado prestígio; e nunca tinha ouvido falar em tal cousa.

No Crato passou a adolescência o Dr. e Senador Fernandes Távora, figura proeminente da mais relevante família do Ceará atual; aí, depois de médico, fixou residência, precisamente no primeiro decênio após - "Milagres de Juazeiro"; aí era frequentador assíduo e querido dessa mesma rodinha leiga, onde Sua Senhoria não se cansa de impingir suas "descobertas históricas", e onde, em 1904, foi planejada homérica afronta ao Padre Quintino Rodrigues, do que resultou a fugida dêste para Juazeiro, donde só arredou pé cinco meses mais tarde; e êsse Dr. Fernandes Távora assegura que nunca, jamais ouviu falar em tal cousa.

Aí nasceu, criou-se e tem voltado inúmeras vêzes o jornalista Vicente Roque, cuja franqueza e memória são proverbiais; e êsse benquisto cratense nunca, jamais ouviu falar em tal cousa, a não ser depois dos escritos de Sua Senhoria.

Monsenhor F. Silvano de Sousa, filho ilustríssimo de Barbalha e Reitor do Seminário de Pelotas, no R. G. do Sul; Monsenhor Silvano que aí fêz seus estudos ginasiais, exatamente depois dos Acontecimentos Religiosos de Juazeiro, e, nunca perdeu de vista, seja de Santanópolis, seja de Fortaleza onde morou muitos anos, a marcha evolutiva do Crato, nunca, jamais ouviu falar em tal cousa.

O Dr. Leão Sampaio, médico de invejável atuação e nomeada nessa zona; médico, por cujo consultório passou, durante 18 anos, a flor da intelectualidade e das famílias do Cariri, declara que nunca ouviu dizer mal de Marrocos.

Dom Joaquim Grangeiro de Luna, ex-Prior do Mosteiro de São Bento, no Rio, e pena das mais bem aparadas do Clero Cearense; Dom Joaquim G. de Luna que, depois de rapaz, foi aluno de Marrocos por quatro anos e meio na cidade de Barbalha, afirma conservar daquele educador a mais grata recordação, e que nunca ouviu dizer dêle senão o bem.

* * *

O mesmo, eu poderia afirmar de uma centena de outros, inclusive cratenses que nunca saíram dessa cidade episcopal e que, passantes dos 50 anos, declaram que nunca tinham ouvido falar nessas misérias contra Marrocos. O que se deu foi exatamente o contrário. Nos dez anos que aí vivi (1916 a 1918; 1921 a 1929), tive escio de conversar, demoradamente, com os principais homens e senhoras da sociedade cratense de então. Conversei, joguei gamão, passei horas esquecidas com o Cel. Nelson da Franca Alencar; por essas ocasiões, conversei longamente com o seu irmão Abdon da Franca Alencar, a quem preparei para a eternidade; conversei com o velho Menandro Lemos, confidente do Cel. Antônio Luís, mas igualmente amigo de Dom Quintino Rodrigues, em cujo solar tinha franca e afetuosa aceitação; e êsses três respeitáveis cratenses, o último dos quais gozava de memória e argúcia incomuns, nunca, jamais me adiantaram qualquer cousa desfavorável à reputação de Marrocos.

Conversei com o Cel. Antônio Fernandes Lopes na

sua fazenda Sussuarana, onde fui seu vizinho; como também com Ranulfo Pequeno e sua inteligente espôsa, de quem fui hóspede e amigo particular; e nunca, jamais ouvi de seus lábios qualquer coisa contra Marrocos.

Conversei longamente, em 1917, com essa mesma Maria do Espírito Santo, a quem Sua Senhoria invoca em favor de sua tese; e o que dela ouvi, a respeito de Marrocos, resume-se nestas palavras: era um homem religioso e caritativo; conservava sempre acesa uma lâmpada ao lado de seu santuário doméstico e, ao que se dizia, rezava diàriamente o Breviário, como os padres.

Tive demorada conversa com José Teles Filgueiras e suas irmãs inuptas; com Dona Naninha Pinheiro e sua filha Dona Clotilde, sendo aquela a matriarca da prestigiosa família Pinheiro Bezerra de Meneses, do Crato. Conversei por igual com seus ilustres e benfazejos filhos: Pedro, Quinco, Cícero e Antônio Pinheiro Bezerra de Meneses, dos quais fui amigo e confidente; e nunca ouvi, de qualquer dêles, a menor referência má à pessoa de Marrocos.

Conversei muito com Zacarias de Brito e Dona Tudinha, sua desvelada irmã; troquei idéias, muitas vêzes, com o professor e jornalista José Bezerra de Brito, meu velho amigo e colega de professorado; conversei com os principais carpinteiros, pedreiros, comerciantes e donos de sítios, sempre desejoso de conhecer o passado, tendência que herdei de meu honrado pai; e nunca ouvi qualquer alusão a essas misérias agora daí despejadas contra Marrocos.

* * *

De tudo isto, uma conclusão se impõe. E' que, se

“tradição oral” existe aí em tal sentido, terá sido a tradição que Sua Senhoria, de índole irrequieta e sequiosa de sensação, vem criando, de 25 anos a esta parte, entre seus centenares de alunos e frequentadores de sua roda.

A VERDADEIRA “TRADIÇÃO ORAL”

Chegou agora a vez de fazer-se ouvir a voz serena dos aureolados cratenses e barbalhenses, seja de nascimento, seja pelo coração, aos quais acima me referi e a quem solicitei que, à luz de suas próprias consciências me dissessem, por escrito, o que pensavam de José Joaquim Teles Marrocos.

Falará primeiro o Dr. Fernandes Távora, na sua carta abaixo transcrita:

“Rio, 27-9-55.

Meu Caro Padre Azarias.

Pax et bonum

“Recebi, ontem, sua prezada carta de 16 dêste, que estou respondendo muito às pressas, pois, havendo chegado da Europa no dia 23, já estou de partida para o Ceará, afim de votar no dia 3 de outubro.

“Minha viagem à Europa foi rápida, durando exatamente um mês; mas, nesse curto lapso de tempo, percorri a Finlândia e os países escandinavos, dos quais trouxe a melhor das impressões.

“Li o que sôbre José Marrocos disse o Dr. Raul de Sousa Carvalho e estou longe de concordar com a sua opinião, acêrca daquele grande educador.

“Fui discípulo de José Marrocos e tenho pela sua memória uma grande reverência. Sempre o tive como um bom católico, homem culto e probo, caridoso e bom. Lembro-me que nos dizia (aos alunos), quando algum pobre pedia esmola: “Nunca neguem esmola a uma criatura que a pede; não pronunciem jamais essa dura palavra: perdôe”. E uma vez, não tendo outra coisa que dar a um esmoler, foi ao quintal e trouxe uma galinha que entregou ao pedinte.

“Foi um grande jornalista e bateu-se, denodadamente, pela redenção dos cativos. Era um competente professor latinista, conhecendo profundamente o vernáculo, e creio que com regulares conhecimentos do grego e do hebraico. Não tenho motivos para duvidar do seu caráter, e sempre me pareceu um homem de bem.

“Desambicioso, preferiu viver no Crato, distribuindo os tesouros de seu saber com seus conterrâneos, em vez de brilhar em meios maiores, como fêz em Fortaleza e no Rio, na sua mocidade.

“Acredito que êle haja concorrido para incentivar, no ânimo do Padre Cícero, a crença nos chamados “milagres de Juazeiro”. Mas não seria isso de admirar, quando padres e até médicos incorreram no mesmo engano.

“Em resumo: um homem culto, honesto, humanitário e bom, que passou pela vida servindo à sua terra e à sua gente.

“Um cordial abraço do velho amigo

FERNANDES TÁVORA

* * *

Tem a palavra agora o Dr. Raimundo Gomes de Ma-

tos, chefe incontestado da família Gomes de Matos no Ceará:

“Fortaleza, Setembro, 22, 1955.

“Distintíssimo Amigo Padre Azarias:

“Manifesto-lhe meu profundo agradecimento ao generoso e cordial convite para passar um mês debaixo do seu tecto.

“Raimundo Girão mostrou-me seu trabalho sobre José Marrocos, em virtude de sua recomendação neste sentido. Foi bom fazê-lo, pois o Padre Peixoto, a quem o amigo considera morto há dois anos, está vivo numa cidade mineira e há dez meses, já com 80 invernos, esteve no Crato, onde não conheceu mais ninguém.

“Telegrafei para o Crato indagando o nome da cidade de Minas.

“Quanto ao que escreveu sobre o boníssimo professor Marrocos, legítimo sábio para aquêl meio atrasado, honradez em pessoa, pobreza digníssima, eu subscrevo, pois o conheci, eu, seu aluno no Crato, curso primário. Nunca vi homem mais modesto, mais religioso, mais temente a Deus. Seu oratório tinha uma lâmpada de óleo eternamente acesa e, ao pé do mesmo, êle se ajoelhava e orava várias vêzes ao dia.

“Caridosíssimo, à porta do colégio, aparecia um menino dos brejos e dos pés-de-serra, trazendo gaiolas cheias de passarinhos: canários, patativas, bigodes, rolinhas, papa-arroz e outros. O velho mestre comprava tudo por atacado, por preço ínfimo, e ali mesmo, na calçada do prédio, chamando os discípulos para testemunhas, abria a porta do presídio, libertava as avezinhas. Era para êle prazer especial vê-las esvoaçarem em procura de seus lares.

“Assisti a essa cena mais de cem vêzes, e êle era pau-

pérrimo. Àquele tempo, menino como eu pagava a escolaridade de dois mil réis por mês.

“O Pe. Gomes está fazendo história, no Crato, ouvindo histórias de calçada.

“Vindo a Fortaleza, não deixe de me aparecer, em nossa casa, preferindo eu que o faça à hora do almoço, para compartilhar do meu bife.

“Sem mais, receba um abraço do seu admirador

R. GOMES DE MATOS”

* * *

Escutemos agora as declarações do jornalista Vicente Roque:

“Encontrava-me eu no Rio, quando se festejou no Crato, onde vim ao planeta, o centenário do emérito professor José Joaquim Teles Marrocos. Levarei também a minha parca contribuição a quem na vida só praticou o Bem e a Caridade, no silêncio de uma consciência tranquila.

“Neste particular, passo a referir episódio autêntico, ocorrido entre o nosso preceptor e um conterrâneo boêmio. Regressava Marrocos da antiga Côte quando, ao desembarcar na Bahia, de acôrdo com a escala do navio, deparou-se-lhe José Severino que conheci na minha longínqua infância, liso da gaita, ao léu da sorte, em extrema penúria.

“— José Marrocos, quero voltar ao Ceará: dê-me uma passagem para minha terra.

“— Como, homem de Deus? Eu também nada tenho.

“— Pois, nesse caso, ajuntou o pedinte, eu me suicido (Ato contínuo, navalha desfolhada, o “maluco” levou-a à goela, em exibição teatral.)

“ — Pelo amor de Deus, espere um pouco, atalhou o jornalista.

“Saindo dali, Marrocos contratou seus serviços profissionais no Colégio Abílio César Borges, recebendo adiantamentos destinados à passagem do indesejável importuno. E por lá (pela Bahia), ficou alguns meses, satisfeito de ter cortado a corda do pescoço ao pseudo-enforcado.....”

Narrado por Vicente Roque, homem de bem, memória invejada e caráter seguro, o episódio acima assume um valor incomparável, como documento de primeira ordem para a definição dos sentimentos, que sempre animaram o peito de José Marrocos, cuja reputação sem nódoa, 44 anos após o seu sepultamento, espíritos desavisados procuram inútilmente cobrir de opróbrio.

Atos de tão impressionante renúncia, em bem do próximo, quase inteiramente os desconhece a nossa época, e sempre constituíram eloqüente revelação de grandeza d'alma, mais própria dos santos que de simples mortais. Marrocos, contudo, a fim de evitar o suicídio de um irresponsável, de boa mente interrompe sua viagem de regresso ao Ceará, e fica durante meses na terra estranha, feliz no seu exílio.

* * *

De Vicente Roque recebi, a propósito de tão palpitante assunto, recente missiva, da qual quero destacar o trecho seguinte:

“Ao terminar as aulas, no Colégio Venerável Ibiapina, José Marrocos tirava o têrço; e nós, seus alunos, respondíamos, o que prova a sua invejável qualidade de católico praticante.

“O professor B.G., anti-clerical impedernido, em roda de amigos, fêz ameaças ao velho abolicionista, por

simples implicância mórbida. Informado do caso, limitou-se Marrocos a exhibir o têtço, seu inseparável companheiro, dizendo: — “Com esta arma, eu saberei me defender de meus gratuitos inimigos.”

“Poliglota, erudito, fazia discursos para os alunos; mas, na qualidade de orador, era perfeita boca de siri, consoante a gíria popular.

“Penso, meu valente soldado de Cristo, ter dito tudo, pelo menos o que guardei na memória sôbre aquêlê velho educador, com quem me carteei, em tempos idos.”

* * *

Em carta com data de 8 de novembro do ano passado, assim me falou o Deputado Federal Leão Sampaio, a respeito de Marrocos:

“Conheci-o pessoalmente, pois me lembro de o ter visto várias vêzes em Barbalha, quando criança.

“Tanto meu pai como minha mãe e meus tios referiam-se a êle com frequência. Não tenho recordação de jamais ter ouvido algo em desabono de sua pessoa ou de seu caráter.”

* * *

Vai ter a palavra, agora, o ilibado Presidente do Conselho Central Vicentino, como também professor e jornalista na cidade do Crato, José Bezerra de Brito:

“Recebi e, de um fôlego, li atentamente o seu precioso folheto: **EM DEFESA DE UM ABOLICIONISTA.**

“Receba o meu sincero e cordial abraço de agradecimento e felicitações pela sua nobre, justa e oportuna attitude, tomando, espontânea e enèrgicamente, a defesa da veneranda memória de um cidadão que, por todos os títulos, merece o respeito e a veneração da posteridade.

“Fui aluno de José Marrocos; conheci-o de perto, em-

hora nos separasse um pouco a distância das idades: o mestre era já sexagenário, quando o aluno contava apenas onze anos. Isto, porém, não prejudicou a grande estima e o respeitoso conceito que sempre fiz do professor emérito. Por um princípio de justiça, sou-lhe solidário em tudo o que escrever na defesa da memória do grande mestre e denodado campeão da campanha abolicionista.”

(A carta *supra* traz a data de 14—10—55.)

* * *

As linhas que se seguem vão ser ocupadas com declarações do mais alto valor comprobativo, como abaixo se verá:

“Mosteiro de São Bento, Rio, 30 de setembro de 1955

“Mui prezado Pe. Azarias.

“Recebi sua estimada cartinha de 17 d’este mês. Agradeço-lhe os conceitos nela expressos a respeito do meu trabalho publicado na Revista do Instituto do Ceará, de 1951, trabalho êsse relativo ao antigo mosteiro de Santa Cruz da Serra do Estêvão.

“De seus trabalhos, tenho lido e apreciado alguns, sobretudo dois: a biografia de Dom Quintino e a de Zuca Sampaio. Em ambas V. Revma. soube traçar, com grande exatidão, as notas características d’esses dois nossos coestaduanos e a benemerência de ambos.

“Agora, quanto a José Marrocos, **quais as impressões que dêle colhi durante a minha permanência em Barbalha, como educador, homem da sociedade, cidadão particular, católico, etc.?** A isso devo dizer que, durante os quatro anos e pouco que passei em Barbalha (1897-1902), vim a conhecer o Marrocos como professor num curso noturno do Gabinete de Leitura, do qual eu era aluno.

“Como educador, a meu ver, era exemplar pela sua bondade, dedicação e interêsse que tomava pelo aproveita-

mento dos alunos. Era para nós um prazer assistir às suas aulas. Interessava-se por cada aluno em particular. De porte austero, era de coração boníssimo, por isso estimadíssimo de todos nós.

“Como homem da sociedade, sempre notei ser êle tido em grande consideração, pelos seus dotes intellectuais e morais, pelas melhores famílias de Barbalha.

Como cidadão particular, era caridoso, de porte digno e austero, mas afável e de moral ilibada, apesar de solteirão. Como católico, era católico convicto e de grande fé: não faltava à missa aos domingos e dias santos, tinha particular devoção à paixão do Senhor.

“Eis, meu caro Pe. Azarias, as minhas impressões dêsse grande educador, jornalista e intellectual que foi Marrocos durante os quatro anos que fui seu aluno. E esta minha impressão julgo ter sido a de todos os meus colegas daquele tempo, na maioria já falecidos: o Pe. M. Duarte de Queiroz, Antônio Gomes, Miguel Teixeira, etc. Êste meu testemunho concorda com o que dêle escreveu o Barão de Studart no seu Dicionário Bio-Bibliográfico, volume II, pág. 131, edição de 1913, que o Sr. deve conhecer. Pode fazer uso do que acima afirmei de Marrocos, se julgar conveniente.

Dom Joaquim Granjeiro de Luna, O.S.B.”

* * *

Terá a palavra agora o Reitor do Seminário Episcopal de Pelotas, no R.G. do Sul:

“Meu caro Azarias.

“Estive, mais uma vez, em preparativos para lhe escrever e dar-lhe as informações que poderiam ser úteis a

seus trabalhos, mas a intransigência dos meus horários mo impediu. Agora acabo de reler a sua monografia sobre José Marrocos. Minhas informações nada poderiam acrescentar ao que Você disse tão bem.

“Nos meus últimos anos de Seminário, encontrei-me em Barbalha com José Marrocos, então diretor de um Colégio que funcionava no Gabinete de Leitura. Admirava aquêlê homem já encanecido, espírito culto, que vivia modestamente dos proventos, mais que modestos, de um colêginho sem nome. Quando tocava o sino da matriz, anunciando o Viático aos enfermos, lá estava êle, recitando com o Vigário as preces litúrgicas daquela cerimônia, durante todo o percurso à casa do pobre doente.

“Conhecia-o como homem de imprensa e de grande ilustração. Ouvia-o, uma vez ou outra, casualmente, sempre com muito respeito e admiração. Não fui, porém, de suas relações pelo simples fato de ser eu ainda um pobre seminarista de muito poucas letras. Aí pelo comêço do século, criou-se em Barbalha o JORNAL DO CARIRI, se bem me lembro. Marrocos devia fazer o artigo de fundo e de apresentação que era, no dizer de nosso saudoso Clímério, o primo-editorial. Tudo pronto, o artigo de Marrocos não aparece. Vai ter com êle uma comissão de amigos. O homem não se lembrava do compromisso... Sentta-se à sua tosca mesa de trabalho e de mais outras cousas. Dentro de uns quinze minutos, se tanto, entrega aos amigos o esperado artigo com êste titulo: **Ei-lo aí**. Foi um sucesso a apresentação do jornal!

“Depois perdi de vista o velho Marrocos. Mais tarde ouvi dizer que ia se finando quase na miséria, como geralmente se dá com os idealistas que não conseguiram concretizar, na vida real, o mundo maravilhoso que lhes povoava a mente. E assim, o ocaso dêles não tem aquela apo-

teose de côres, que acompanha o sol, quando se despede dos luminosos dias de verão. E' a sorte de todos os que quizeram viver fora de seu tempo, por antecipação ou reversão.

“Li, com verdadeiro prazer, a sua **UMA FLOR DO CLERO CEARENSE**. E' uma página evocativa, em que fala o seu coração de colega e amigo, deixando transparecer um discreto sentimento de pesar envolto na saudade que lhe ditou aquela bonita exposição em torno de uma vida que mal desabrochava para a Igreja, e já lhe dava tantas esperanças no prenúncio de um apostolado edificante. Não cheguei a conhecer pròpriamente a Antônio Gomes. Quando cheguei a Fortaleza, em 1915, encontrei apenas a lembrança do seu nome e o perfume de suas virtudes. Conservo boa lembrança de outro Gomes, também notável pelo talento, e, graças a Deus, ainda vivo para a salvação da paróquia de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

“Antecipo os meus melhores votos de boas festas de Páscoa, por que a sua alma se enriqueça de tôdas as graças e dons trazidos aos homens pela ressurreição de Nosso Divino Mestre. Entre êsses dons estará, de certo, o de esclarecer as almas através do seu estilo tão límpido e transparente.

“Um afetuoso abraço do velho amigo e colega:

Monsenhor Sousa

MEU RETRATO INTERIOR

Vai para 45 anos que me acompanha a preocupação de corresponder, na medida de minhas pobres fôrças, à idéia de vencer minhas más tendências. Aliás, basta ler, sèriamente, os santos Evangelhos para sentir que devemos aspirar à perfeição religiosa e, em tal direção, orientar tôda a nossa atividade.

Mas, ai de mim! Quanto mais tenho chorado minhas repetidas fraquezas, quanto mais tenho suspirado por esse ideal haurido na Boa Nova, tanto mais descubro a ruindade de minha natureza, tanto mais dou pela minha incapacidade para a atmosfera de pureza e renúncia a que somos chamados por vocação!

No meu incessante esforço, para sondar meus defeitos e dar-lhes, assim, o devido combate, vim a reconhecer que são treze as más tendências com que nasci; e, em vista disso, contraí o costume de, cada noite, ao recolher-me ao leito, suplicar à SS. Virgem, no seu papel de minha Madrinha de batismo, que me ajude a conseguir as treze virtudes contrárias. Eis o teor dessa minha rogativa, que já tem cabelos brancos: “Minha Mãe do Céu, alcançai-me de Deus, para mim e meus colegas, que sejamos sacerdotes dignos de vós: fiéis, obedientes, castos, humildes, pacientes, mansos, modestos, enérgicos, caridosos, alegres, sinceros, reservados e resignados.”

Ainda hoje, haja o que houver, atento ou cochilando, faço a sobredita prece. Do proveito que daí tirei, no sentido de minha suspirada emenda, sabe-o Aquêle que “sonda o coração e os rins”; isto é, Aquêle a quem nada é oculto, sem excluir nossos mesmos pensamentos. Um dia, quando cessarem as sombras que nos envolvem, saberei eu e Sua Senhora também, o que valem nossos pobres empreendimentos de feição sobrenatural.

Mas... agora me aparece o feroso autor de APOSTOLADO DO EMBUSTE apontando em mim, não mais para meu uso pessoal, e sim para que todos saibam, três novos defeitos de que eu não conseguira advertir-me. Assim é que, à página 44, dá, de minha pobre pessoa, o seguinte retrato moral: “... um sacerdote, produto psíquico do meio em que o embuste em foco teve o seu berço e

deixou a marca indelével de seu espírito sutil, difuso e impregnante.”

Conseqüência lógica de uma tal conceituação é que a minha defesa a Marrocos perde todo o merecimento pelo simples fato de eu ter vindo ao mundo em Juazeiro do Norte e, por tal motivo, possuir a mente estragada para uma observação digna de fé em cousas atinentes a Juazeiro.

Passe em branco a circunstância bem apreciável de ser aqui um meu antigo discípulo quem maneja a palmaria para me corrigir em praça pública, como se eu fôra algum “malfeitor social”, qualificativo atribuído a Marrocos por Sua Senhoria. Pouco importa. E’ raro que um pobre monge tenha a fortuna de possuir um seu antigo aluno sentado na cadeira de São Pedro, mas isto aconteceu a São Bernardo em relação ao Papa Eugênio VI. Lá, porém, o Papa não se esquecia de que o velho monge tinha sido o seu mestre e diretor espiritual, tanto assim que, freqüentemente, se correspondia com o mesmo, exigindo suas luzes para a solução de negócios intrincados de ordem temporal. E, ao ver que se lhe aproximava a morte, fêz questão de tê-lo à cabeceira para fechar-lhe os olhos...

No caso em foco, verifica-se precisamente o contrário: o antigo aluno se insurge contra o antigo professor e se põe a reduzi-lo à expressão mais simples, numa conceituação arrasadora e deselegante, além de descaridosa.

Infelizmente não consigo, por mais que me tenho examinado, descobrir em que mereci, não por pensamentos, mas por atos externos, aquelas três carapuças. E, como a roupa suja começou a ser lavada no meio da rua, venho pedir a Sua Senhoria que, para depois não lhe ser lançada a pecha de leviano e maledicente, proclame, em

nova letra de fôrma, em que razões se apoiou ao escrever aquelas arrojadas afirmações. **Res, non verba.**

Ver-se-á então, também, por 'êsse desabafo, o mundo de delictos e iniquidades por mim praticados nos meus 39 anos de sacerdócio. Farto material para tal pesquisa é o que sobra. Por aí deve haver ainda centenares de cartas de alguns milheiros que tenho escrito, na esperança de, por tal forma, consolar-me da inutilidade de meus dias. Um terço da referida correspondência foi, provàvelmente, endereçado a pessoas do Cariri, algumas das quais amigas de Sua Senhoria. Nada, portanto, mais fácil do que, nessas pobres páginas manuscritas, encontrar com que encher todo um libelo, se têm base tais insinuações.

Lá verificará se já dei algum mal conselho, se já me insurgi, mesmo veladamente, contra a autoridade constituída, se desacreditei meus colegas e superiores, se subcrevi alguma atitude inconfessável, se condescendi com o êrro, se usei palavras de duplo sentido, se tentei desviar alguém do bom caminho, se fui ganacioso ou egoísta, se fui mal pagador, se neguei sombra amiga a quem me veio bater à porta, se escandalizei a quem quer que seja.

Se as cartas não bastarem, por aí lhe ficam à disposição as freguesias de Ouricuri, Milagres, Campos Sales; as cidades de Cascavel, Crato e Aracati; as vilas de Abaiara e Bom Jardim, onde exerci ocupações de manifesta notoriedade e, tendo nelas passado 30 anos de vida pública, por lá deve haver muita gente capaz de dizer como me conduzi à luz de minha missão de paz e edificação popular.

Se fôr preciso mais algum roteiro, poderá Sua Senhoria rever centenas de artigos que, desde 1912, tenho publicado na imprensa de Canindé, Crato, Fortaleza e Rio de Janeiro, tanto em simples jornais quanto em revistas.

E, algumas vêzes em que me servi de pseudônimos, assinava-me assim: Josoé, Alcindo Cariri, Elmano Sá, Lívio Sobral.

Existe ainda outro roteiro valioso: verificar se minha família, em algum tempo, serviu de pedra de tropêço por falta de compostura, de amor ao trabalho, de comediamento na língua, etc.

MARROCOS ACREDITAVA

A razão das razões pela qual, no meu fraco entender, não poderia ser Marrocos o autor intelectual de EMBUSTES a êle atribuídos por Sua Senhoria vem a ser a seguinte: o velho abolicionista acreditava piamente no caráter sobrenatural do sangue aparecido durante a comunhão de Maria de Araújo.

Entre outras provas concomitantes, descubro, por exemplo, sua inexorável decisão de ficar, até a morte, por mais dezenove anos, como guarda vigilante e solícito daqueles paninhos ensanguinhados, pouco se lhe dando da pobreza e desconforto que lhe ficaram sendo companheiros de tôdas as horas. Mais do que isso, pois lhes ficou prestando um culto de adoração no mais discreto e tocante silêncio, dado o pronunciamento da Sagrada Congregação do Santo Ofício condenando-os como embuste. Sabendo embora que as sentenças de qualquer Congregação Pontifícia são de sua natureza reformáveis, não ignorava outrossim que possuem a prerrogativa de, **ipso facto** obrigarem a tôda a cristandade no fôro externo; e daí o respeitoso silêncio em que permaneceu, sistematicamente, silêncio somente quebrado quando, na defensiva, via-se arrastado a prestar algum esclarecimento, pela imprensa, a propósito do melindroso assunto.

Nisso o velho abolicionista, cuja pujante dialética ninguém jamais conseguiu emudecer, seguia o exemplo

clássico de S. Filipe Néri, de que nos fala César Cantu em sua História Universal, e que vem a dar no seguinte: apesar de haver Frei Jerônimo Savonarola, a quem êle conhecera de perto, sido excomungado por Alexandre VI e queimado vivo como herege, aquêlê santo conservava consigo o retrato do mesmo em sua banca de trabalho, na certeza de sua inocência. São Filipe Néri era confessor do Papa e, dentro do Vaticano, gozava de invulgar e crescente prestígio.

E como sei disto? — perguntar-me-ão. Através de declarações fidedignas prestadas por pessoas que, nos derradeiros anos da vida de Marrocos, serviram-lhe de pagens em suas semanais viagens a Crato, seja de Barbalha, seja de Juazeiro.

Contrariamente ao que assegura o autor de APOSTOLADO do EMBUSTE, Marrocos não conduzia consigo os paninhos ensanguinhados: deixava-os em seu sobradinho, na cidade do Crato, cada vez que era forçado a mudar de residência para a vizinha cidade de Barbalha, onde uma juventude sequiosa de instrução o concitava a repartir com ela os tesouros, então bem raros, de seu saber profissional. Para Juazeiro apenas se transferiu no derradeiro ano de sua existência, permanecendo ali cêrca de oito meses.

Tais companheiros de viagem eram unânimes em declarar que o emérito educador, mal chegado a seu sobradinho no Crato, entrava para seus aposentos, onde brilhava sempre uma lâmpada a óleo, e ali se deixava ficar por espaço de uma hora, ajoelhado em oração.

Que pena haverem morrido Sebastião de Sá Barreto Sampaio, "Xildericô" Filgueiras, Antônio Correia, Vivi Sampaio, Manuel Leite de Melo para nos darem seu testemunho em tôrno de tão delicada questão! Na falta dêles,

escrevi ao advogado José Ferreira de Meneses, residente em Juazeiro, memória prodigiosa e ex-aluno de Marrocos, pedindo-lhe que, na sua qualidade de acompanhante d'êste último em suas viagens de Juazeiro a Crato, me dissesse, com a mão na consciência, o que teve oportunidade de observar então.

Eis a resposta:

a) José Marrocos, procedente da cidade do Crato, veio residir nesta cidade de Juazeiro em princípio do ano de 1910, onde fundou um colégiozinho, do qual eu fui aluno; mas, morando aqui, tôdas as quintas feiras êle viajava para o Crato, e sempre comigo, a convite dêle.

b) Marrocos conservava também sua residênciã no Crato, um bom sobrado à Rua do Comércio, em frente da antiga igreja de S. Vicente Férrer, hoje Avenida Siqueira Campos. Acontecia que, ao chegarmos a Crato, éramos recebidos por uma velha da confiança de Marrocos que vivia lá dentro. Em seguida, tomávamos café, palestrávamos um pouco, momento em que Marrocos, retirando-se, entrava para um dos aposentos do sobradinho e lá permanecia, por mais de uma hora, ajoelhado a orar.

c) José Marrocos não acendia lâmpada naquele quarto, quando lá entrava, de vez que lá encontrava uma lâmpada sempre acesa sôbre uma vidraça que ali existia. Isto mesmo eu observei algumas vêzes, quando o mestre, saindo do quarto, fechava a porta, botando depois a chave no bôlso do paletó.

Acrescente-se que o Professor Marrocos foi um dos grandes abolicionistas brasileiros. No Rio, juntamente com José do Patrocínio e Carlos de Laet, fundou a GAZETA de NOTÍCIAS, destinada especialmente à causa da li-

bertação dos escravos. Como abolicionista em Fortaleza, sofreu as maiores perseguições dos senhores de escravos, chegando a fugir, em traje de vaqueiro, para fora da capital, a fim de escapar das ditas perseguições.

O Dr. Justiniano de Serpa (depois Presidente do nosso Estado), também abolicionista como Marrocos, quando morava em Manaus, decorridos dez anos após a abolição no Ceará, publicou um artigo a respeito do assunto, no qual artigo chamava pelos nomes os principais abolicionistas. Dizia assim: “João Cordeiro que sonhou com a República, foi por ela atirado em Fernando Noronha; Marrocos, o incompreendido, foi abafar suas dores nas florestas perfumadas do sertão.”

(Até aqui a **sinopse** das declarações do advogado J. Ferreira de Meneses).

PANO DE AMOSTRA

Através do que abaixo se lerá não seria impossível colher uma idéia a mais acêrca dos sentimentos de aversão que já em maio de 1954, alimentava Sua Senhoria contra Juazeiro e seu fundador. Serei breve.

Foi, exatamente, no sobredito mês e ano que estive na cidade do Crato pela última vez, por sinal, hospedado no próprio Paço Episcopal ex vi de paternal imposição do Anjo daquela Diocese, Dom Francisco de Assis Pires, que então me cumulou de atenções e gentilezas.

Ali, conforme testemunhou Sua Excelência, visitou-me, logo no dia imediato à minha chegada, o autor de APOSTOLADO do EMBUSTE, demorando-se tanto a palestrar comigo que Dom Francisco acabou indo até o quartinho a mim reservado e onde se travara aquela palestra; e fêz-me sentir que ignorava fôssemos tão amigos assim.

O assunto trazido à balha por Sua Senhoria foi, sem

tirar nem pôr, as recentes descobertas feitas por sua pessoa nos arquivos diocesanos do Ceará. E tais novidades me comunicou que eu prontamente lhe repliquei: Se eu vier a convencer-me disso, tocarei fogo em tudo que possuo inédito sôbre o Padre Cícero.

Em setembro do ano passado, em carta que tenho devidamente arquivada, relevante intelectual e jornalista de Fortaleza, dizia-me o seguinte: “P. A. G. agora me escreveu afirmando ter colhido, em fonte segura, que.... ao Padre Cícero. Disparate de extraordinária enormidade. Nunca nenhum inimigo do Patriarca de Juazeiro fêz semelhante afirmativa, nem quando ocorriam os supostos milagres de sangue, nem depois, nem nunca.”

Dois ou três meses mais tarde me veio às mãos longa missiva do gratuito contraditor de Marrocos, na qual, entre outras cousas, me adiantava: “Gosto de dizer a meus alunos que a castidade do Padre Cícero não tinha o menor merecimento, uma vez que êle, de acôrdo com o parecer de um de seus médicos, era casto porque assim o fêz a natureza”.

Quem não vê, só através dêsses três panos de amostra, a doentia preocupação de Sua Senhoria, no sentido de inutilizar, por todos os meios a seu alcance, a reputação de um seu colega no sacerdócio, colega que nunca lhe fizera o menor mal e que partira para a eternidade, aos noventa anos, com ilibada reputação nesse plano inclinado de nossa existência?

* * *

Nada, entretanto, mais chocante com a realidade do que essa assertiva de haver sido o Patriarca um caso bem caracterizado de frigidez em patologia médica. Hoje em dia, possuo dados bastante respeitáveis para sustentar a

tese contrária, baseado também num discípulo de Galeno que lhe serviu de enfermeiro em diversas doenças, e que fala de cadeira.

Se essa indiferença fisiológica atribuída ao fundador de Juazeiro tivesse raízes incontrastáveis, o autor de Juazeiro do Cariri, que conheceu o Padre Cícero bem de perto, porque fôra seu comensal por três anos consecutivos, teria vislumbrado roteiro para, no referido livro, insinuar, a seu respeito, a suspeita de adultério?

Ainda uma vez, quanto uma paixão mal reprimida pode cegar um entendimento; arrastando-nos a atitudes as mais lamentáveis! Enquanto o autor de JUAZEIRO do CARIRI, em 1913, dando vazão a mágoas de caráter muito pessoal, atribui ao Patriarca o delito do adultério, o autor de APOSTOLADO do EMBUSTE, em 1955, nega a êsse mesmo Patriarca qualquer merecimento na guarda perpétua de sua pureza sacerdotal, a pérola das virtudes clericais, alegando ser êle incapaz de estímulos para o vício contrário! Dois pesos, duas medidas!

O primeiro, mercê divina, não obstante seu gênio bilioso e arrebatado, com o perpassar do tempo, mudou de sentimentos e voltou a ser um dos bons amigos da terra do Padre Cícero. Quando chegará a vez de Sua Senhoria? Tão má não será aquela freguesia, desde quando, ao tempo em que para lá foi nomeado Vigário Monsenhor Joviano Barreto, muito desejou Sua Senhoria acompanhá-lo no officio de seu Vigário Cooperador. Quem de seus amigos do peito ignora êsse fato?

Interessante! Poucos dias depois do aparecimento do livro JUAZEIRO do CARIRI, tive ensejo de estar com o Padre Cícero, a quem, de caso bem pensado, perguntei sem preâmbulo:

— O Sr. já leu o recente livro de F.?

— Já, respondeu o Patriarca. — Era só o que faltavam dizer contra mim. Até há pouco, atribuíam-me todos os defeitos, mas deixavam comigo a pureza sacerdotal. Agora arrebatam-me também esta qualidade, e quem o faz é aquêlê que comeu muitas vêzes comigo na mesma mesa e a quem dispensei tôdas as atenções que nos merecem os que nos batem à porta... Homo unanimes et notus meus, qui mecum dulces capiebat cibos...

E nada mais adiantou.

* * *

Ainda dentro de tão melindrosa matéria, seja-me lícito lembrar um episódio de que fui testemunha, vai para 33 anos.

— Padre Cícero, disse-lhe um jovem sacerdote seu conhecido e amigo, como foi que o Sr. conseguiu tão completo domínio sôbre si mesmo? Vejo passar diante do Sr. tôdas as figuras humanas, das mais asquerosas até as mais sedutoras, e com o mesmo olhar o Sr. contempla a tôdas e a tôdas dá o devido despacho!

— Menino, quem faz de sua parte, recorrendo à oração e fugindo das ocasiões, Deus ajuda para não cair.

Quem não sente, na curta resposta do Patriarca, um mundo de humilde desconfiança de si mesmo e oûtro mundo de confiança no poder da graça divina?

* * *

Na realidade, aquêlê alto domínio de si mesmo, êle o adquiriu em nada menos de dez anos de jejum cotidiano, dez anos de prisão entre as grades do confessionário, pois só tomava a primeira refeição depois do meio dia, no afã de ouvir de confissão levas e levas de penitentes que até lá iam de todo o sul do Estado e que nem seis sacer-

dotes conseguiam jamais esgotar completamente. E as noites dormidas no duro chão? E a pobreza franciscana que era então o seu pão de cada dia? E o recato que lhe foi um traço próprio, bem digno de imitação?

E a enternecida devoção que nunca deixou de ter e incutir para com a S.S. Virgem, de cujo culto foi um dos maiores e mais eficientes propagandistas de todo o Norte do Brasil?

COLCHA DE RETALHOS

A fim de poupar papel e tempo, uma vez que tempo é ouro e papel está custando os olhos da cara, occupar-me-ei à vol d'oiseau, ou seja pela rama apenas, de algumas alegações feitas contra Marrocos e que uma só penada pode deitar por terra.

1º. A página 45 diz Sua Senhoria: "Qualquer manifestação louvaminheira a José Marrocos, partida de Juazeiro, deve ser, em geral, recebida com reservas. Os motivos são óbvios."

Engraçada essa maneira de encarar o assunto! De Juazeiro, por mais respeitável que seja o testemunho, pouco ou nada valerá, porque naquela cidade possui Marrocos corações amigos. De Crato, porém, ainda os mais encarniçados e notórios adversários do grande abolicionista podem, sem o menor escrúpulo, ser convidados a dar parecer! Pelo menos, é o que faz Sua Senhoria quando invoca determinados cidadãos e os chama à fala neste debate. Um dos mais salientados é, há quatro decênios, conhecido como inimigo jurado de Juazeiro e de seu fundador. Outro, além de ter nascido num lar onde a má vontade para com Juazeiro é bem de raiz, foi, por sinal, a única voz que se pronunciou, em verdadeira mensagem,

congratulando-se com Raul Carvalho, pelos seus artigos-estopim nos Diários Associados, em 1953. Por que tamanha parcialidade? Se os afeiçoados à memória de Marrocos são suspeitos, como não estender êsse juízo aos seus notórios desafetos?

Por que, em lugar de recorrer a tais testemunhos, não aceitou o meu palpite para que ouvisse outras personagens que, tendo privado mais de perto com o educador emérito, poderiam pronunciar-se com maior isenção de vistas?

* * *

A weak argument!
2º A página 40, diz Sua Senhoria: “José Marrocos não cumpria os deveres de católico concernentemente à Confissão, à Comunhão e à assistência á Missa aos domingos e dias santificados, ao tempo em que o Cônego Climério era seu aluno interno em um colégio que o mesmo mantinha na cidade do Crato. Entretanto, o diretor tentava burlar o internato, dando-lhe a impressão de que assistia à Missa nesses dias. Combinaram-se os internos (dois do Maranhão e um de Santana do Cariri) e identificaram a burla. Calculadamente distribuíram-se pelos dois únicos templos da cidade, nos quais havia Missa naqueles dias; e, durante quatro domingos seguidos, aí não compareceu o diretor do colégio às Missas dominicais! Nessas ocasiões, identificaram-no os alunos, êle estava a conversar em casa de um seu irmão, residente à rua das Laranjeiras.”

Quem foi educador como nós dois, pode perfeitamente avaliar a quanto montam as afirmativas de rapazelhos despeitados contra a autoridade constituída. Só a iniciativa adotada pelos três estudantes dá margem para desconfiarmos da pureza de suas intenções. Há dêles a quem

basta qualquer mágoa do professor para forjarem acusações tremendas, na esperança de uma desfôrta. Ainda há vinte anos, outros adolescentes de imaginação vivaz chegaram à conclusão de que o Reitor do seu Seminário não se confessava senão de longe em longe e a um sacerdote meio caduco! Há 45 anos, do mesmo Seminário um aluno que depois se distinguiu pela virtude e saber, enviou para casa, dentro de um envelope, um pouco de comida, afirmando ser tudo quanto lhe haviam dado por almoço!...

* * *

3º. A página 53, sustenta Sua Senhoria: “Uma das orações fortes de José Marrocos, em um seu caderno de assuntos místicos, ainda hoje em estado de quase conservação: “Cobra tu não mordeste a N.... Mordeste ao Venerável Padre José de Anxeta.”

Foi um instante fatídico êsse em que Sua Senhoria lançou mão de semelhante argumento para atrair o ridículo sôbre a memória de Marrocos. Sabem por que? Simplesmente porque a própria maneira últra-errada como aquêlé aprumado vernaculista grafou a palavra Anchieta, nome que qualquer menino de ginásio sabe escrever corretamente, deixa patente a elevada preocupação de Marrocos, que nada tinha a ver com “orações fortes” e assuntos místicos.

O que êle queria, na sua qualidade de arguto observador do linguajar sertanejo, sobretudo na qualidade de legítimo precursor de Câmara Cascudo e Leonardo Mota, era surpreender e anotar material folclórico, encontradiço naquelas eras de insulamento do Cariri. Assíduo leitor de escolhidos jornais do Rio, como também de *La Croix*, *L'Univers*, *Osservatore Romano* etc., Marrocos

acompanhava a marcha da literatura do Ocidente e não perdia vaza de exteriorizar a repercussão que, em seu espírito perspicaz, exerciam semelhantes leituras. Bastaria um exame desapassionado do tal **Caderno de assuntos místicos** para tirar a limpo a sem razão do ataque. Falo, aliás, **ex ordinariis contingentibus**.

4º. As páginas 45 e 47, diz Sua Senhoria: “Por cada inteligência que instruiu, o Caglióstro de Juazeiro imobilizou dez mil na petrificação do fanatismo, consagrando-se, por isto, educador frustrado, pesados os resultados práticos de suas atividades.” “Em fim, a atuação de Marcos no embuste paralizou a ascensão de camadas sociais inteiras, devendo por isso ser considerado elemento negativo e anárquico do processo evolutivo da civilização nestas plagas. “Ainda à página 25 havia dito: “. correu pelo exemplo, pela palavra falada e escrita, para corromper a pureza da Fé na consciência da massa popular que se imobilizou e se mineralizou na superstição, daqueles a êstes tempos.”

Mas como, arguto observador popular, se foi Sua Senhoria em pessoa quem escreveu no mesmo folheto, à página 29, esta descrição de Juazeiro: “Uma metrópole sertaneja, palpitante de progresso, na plenitude de sua vitalidade”?

Como assim, uma vez que minha terra-berço nada mais é, a crermos em seus impertinentes detratores, do que o “quartel general” dessa mesma mentalidade que se imobilizou e se mineralizou na superstição, daqueles a êstes tempos? Onde já se viu o imóvel, o mineral acusar progresso e plena vitalidade?

Dois pesos e duas medidas.

5º — Em minha citada réplica de Setembro de 1955, à página 8, eu argumentei: “Ha ainda uma impressionante

observação a fazer. E' que, sendo o historiador Irineu Pinheiro, sobrinho, amigo do peito e o elemento de maior projeção do Cel. Antônio Luís, não se concebe haja aquê-
le intelectual ficado na ignorância de tais ocorrências. E, se estava a par de tudo, como justificar nele, no seu papel de historiador, o relato que fez na sua obra **JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO E A REVOLUÇÃO DE 1914**, dos mal fadados milagres de Maria de Araújo? Se sabia de tão triste explicação para o caso, por que nem de leve a insinuou?

Esta é a conceituação de Irineu Pinheiro no seu sobredito livro, sem tirar nem pôr:

“Dominava-o ao Padre (Cícero), nessa época, fundo misticismo. Passava os dias e as noites entregue aos seus misteres de cura das almas, a celebrar, a pregar, a rezar com os fiéis intermináveis orações; a confessar os inúmeros penitentes que o procuravam de todos os recantos do Cariri, e os enfermos, às residências dêstes, até altas horas da noite. Alheio às vaidades humanas, vestia sempre uma batina velha, desbotada pelo tempo. Era preciso às vêzes que a mudassem os amigos, oferecendo-lhe uma nova que substituisse a já quase imprestável. Alimentava-se mal e em horas irregulares... Foi sempre notável a influência do Padre Cícero em tôda a região caririense e cidades que lhe são próximas, desde pouco depois de sua ida para a capelinha de Juazeiro. Impressionava tôda a gente a vida austera de penitência, de castidade, de abnegada renúncia de prazeres, no jovem apóstolo da modesta localidade. Mas essa influência cresceu de vulto após os milagres de que foi protagonista a beata Maria de Araújo. Em 1889, aos seis de Março, primeira sexta feira da quaresma, ocorreu, na pequena povoação de Juazeiro, um fato admirável: ao receber Maria de Araújo, na igreja, das mãos do Padre Cícero, a particula sagrada, trans-

formou-se-lhe esta em sangue vivo e rubro. Repetiu-se o fenômeno por várias vèzes e durante anos. Comoveram êsses sucessos extraordinários os sertões, em raio de centenas de léguas. E começou o êxodo para Juazeiro, a estranha migração de homens, mulheres e crianças de uma vasta extensão do País, tal que, depois de largos anos, transmudou o obscuro lugarejo em um grande centro populoso... Todos queriam ver, com os próprios olhos, o precioso sangue e também a beata, em cuja modestíssima pessoa se realizava o portentoso milagre. Foi um nome famoso, nos sertões brasileiros, o de Maria de Araújo. Mas, à medida que se lhe ia aos poucos esbatendo a figura, até apagar-se de todo nos últimos anos de sua vida, ressaltava, cada dia com maior relêvo, a do Padre Cícero que, na sua época, foi o homem de mais profunda influência individual do Brasil.

“Padres e médicos afirmaram a sobrenaturalidade do acontecimento maravilhoso: o sangue, diziam, era o de N. S. J. Cristo... Mas, pela voz de seus bispos, a Igreja acabou por condenar os milagres. O que nunca pôde conseguir foi arrancar, das almas de milhares e milhares de homens, a fé na santidade do Padre Cícero.”

Até aqui a transcrição do livro **JUAZEIRO** do **PADRE CÍCERO** e a **REVOLUÇÃO DE 1914**.

Vejamos agora o autor de **APOSTOLADO** do **EMBUSTE** na sua impotente tentativa de fugir à fôrça probativa de minhas alegações. Ei-lo à página 9 do seu folheto:

“... êsse circunspecto historiador..... era um dos ilustres membros da família Antônio Luis, que conhecia o sigilo..... Alimentava a convicção de que José Marrocos e seu “formulário”, ou livro de fazer sangue, funcionaram, regularmente, na produção do **EMBUSTE** dos mi-

lagres da solerte Maria de Araújo. Em seu livro JUAZEIRO do PADRE CÍCERO e a REVOLUÇÃO DE 1914, evitou a revelação do aludido segrêdo, considerando os dois motivos — família e politica — e também face à sua amizade pessoal ao Padre Cícero, de quem foi médico. Se tivesse de fazer uma segunda edição desse livro, disse-o uma vez, morto o Padre Cícero, modificaria quanto escrevera sôbre a chamada QUESTÃO RELIGIOSA de JUAZEIRO, sobretudo depois que entrou na posse de documentos que conservou em seu arquivo.....”

Afinal, onde é que nos encontramos? Então Irineu Pinheiro não era contemporâneo dos acontecimentos religiosos de Juazeiro? Não tinha acompanhado, passo a passo, do comêço ao fim, o desenrolar dos sucessos que registra, como fora de contestação, no seu aludido livro? Não lera e comentara tudo quanto se havia dito, pró e contra, acêrca dos fatos por êle focalizados, sem meios têrmos, na sua discutida obra? Não era católico de princípios, conhecendo, por isso mesmo, de fonte segura, a opinião da Santa Igreja em tôrno dos tais sucessos? E, se possuía, como quer Sua Senhoria, uma profunda convicção de haver sido, aquêle sangue da sagrada hóstia, puro e sacrílego embuste, para que toma a iniciativa de apresentá-lo como sangue verdadeiro e portentoso milagre? Por que não lançou mão de um subterfúgio, bem fácil de conseguir, para ocupar-se do assunto, sem se comprometer como político e afeiçoado ao Patriarca? Falar, porém, nos termos em que falou significa ser aquela a sua firme persuasão. Sustentar o contrário equivale a passar-lhe atestado de **homo duplex**, de irresponsável, de nulidade, enfim, no mundo moral; é decapitá-lo desumanamente, na sua missão de historiador. E o passado impoluto de Irineu Pinheiro ergue-se, nas pontas dos pés, para pro-

testar contra quem a tanto se arroja, na ânsia inglória de persistir na defesa de uma tese malograda.

Convém salientar que, ao tempo da publicação do livro em foco, já não pertencia ao número dos vivos o Patriarca, havendo cessado, por conseguinte, as invocadas razões de pura conveniência.

E, se Irineu Pinheiro chegara a uma cõnvicção contrária e tinha, em vista disso, a intenção de reeditar o livro com as inculcadas modificações, por que o deixou de fazer? Não era milionário, desocupado e no gôzo de perfeita saúde? Vinte anos se escoaram, entretanto, sem que saísse a edição salvadora.

Melhor é abandonar essa causa e enveredar por novo caminho...

A PALAVRA DO REITOR

Nesta altura, não será desinteressante saber o que pensa o magnífico reitor da Universidade do Ceará, o Dr. Martins Filho, cratense educado no Crato e não passível de suspeito de fanatismo, acêrca do Padre Cícero. Eis-lhe o desapixonado parecer, extraído do aplaudido e agigantado volume o CEARÁ, feito, aliás, em colaboração com o historiador e genealogista de mérito que se chama Raimundo Girão:

“... durante meio século, em redor de sua pessoa se reuniam romeiros e visitantes ilustres de tôdas as partes, desejosos os primeiros de receberem-lhe os conselhos e ofertarem-lhe presentes; e os segundos, de conhecerem o ilustre vação tão discutido, elogiado e censurado, de acôrdo com o ponto de mira em que se colocava e ainda hoje se coloca o observador, na interpretação dos fatos e das cousas da Meca cearense.

“O que é inegável, porém, é que o Padre Cícero rea-

lizou uma obra social notável, quase incrível, concorrendo não só para a criação da cidade mais populosa do Ceará, excluída a Capital, e uma das maiores, mais progressistas, mais comerciais e mais movimentadas do norte do País, como também para o maior povoamento de todo o vale do Cariri e da Serra do Araripe, e, conseqüentemente, para a maior expansão produtiva dessa rica região.

“Qualquer que seja o conceito que se forme acêrca de sua destacada individualidade, impossível será negar tenha sido êle um fator de enorme progresso; e, no campo espiritual, um conselheiro e um protetor devotado de seu povo. “Todos os que o procuravam, desiludidos dos poderosos, nele encontravam, invariavelmente, o carinho de uma palavra, ou de um gesto amigo. Durante horas a fio, desde a manhã até alta noite, recebia os romeiros, consolando-os através de seus conselhos e de sua bênção amorável, paternal. Respondia-lhes os telegramas e as cartas, às vêzes de uma adorável ingenuidade. Nunca se lhe viu espelhar no rosto a sombra de um enfado. Foi, na realidade, o Consoador das gentes abandonadas dos sertões, que sempre tiveram fome e sêde de justiça.”

E Martins Filho fala de cadeira, pois presenciou bastantes vêzes e conheceu de perto, através de informações verazes, a realidade juazeirense. Mas, quanto sua linguagem serena e desapaixonada difere da do ferrenho contraditor de Marrocos e gratuito inimigo de minha terra-berço e de seu fundador!

(Ext. de O CEARA', pág. 336, 2a. edição, ano de 1945)

O QUE FALTA PROVAR

Embora uma respeitável tradição de Marrocos como diácono da Santa Igreja reconduzido ao estado leigo,

convém ressaltar duas fortíssimas razões em contrário:

1.^a — Por aqueles tempos, consoante observa o Padre Guilherme Vaessen, não havia as facilidades de hoje para devolver ao laicato um estudante de Teologia que houvesse recebido alguma das ordens maiores, entre as quais avulta o diaconato;

2.^a — Nos anais e arquivos do Seminário Provincial de Fortaleza, nem de leve se encontra a mais pequenina alusão desfavorável ao futuro abolicionista cearense. Ora, uma expulsão seria um caso de imensa repercussão entre as paredes daquele acreditado instituto de formação eclesiástica, máxime em se tratando de um aluno brilhante e já às portas do sacerdócio. E' isto, precisamente, o que me deixam entrever duas cartas sucessivas que acabo de receber do atual Reitor do mesmo, Padre Demerval José Montalvão, e de um dos antigos reitores daquela Casa, que, um após o outro, estiveram manuseando, exaustivamente, os memoriais do referido Seminário, e a quem escrevi solicitando o maior empenho na busca de semelhantes documentos. E quem, melhor do que os escrupulosos arquivos daquela casa de educação, máxime no que diz respeito a preterições e expulsões de clérigos, poder-nos-ia falar com mais autoridade? Quem sabe se uma tal versão não assenta no costume atribuído a Marrocos de recitar diàriamente o Breviário Romano? Dicant paduani.

Há pouco recebi importante carta de velho jornalista e escritor cearense, na qual me assegura que, vai para alguns decênios, em conversa com Monsenhor Antero José de Lima e outro venerando sacerdote nosso coestaduano, veio a saber que, ao deixar o Seminário de Fortaleza, Marrocos fôra avisado por um Lazarista da Casa: se quisesse entrar para a Congregação da Missão,

ser-lhe-ia fácil... E que, ao que ouvira dizer, o motivo pelo qual lhe aconselharam desistisse da carreira clerical havia sido a sua dupla ascendência levítica!

E, se tudo isso tiver base sólida, aonde irá esbarrar o homem de imprensa que acaba de vomitar horrores contra Marrocos, firmando-se também nesse controvertido roteiro, agora pôsto em dúvida pelos arquivos do Seminário?

Como é difícil fazer afirmativas em assuntos históricos ainda carecidos de comprovação!

JUAZEIRO da ATUALIDADE

Uma colmeia humana, uma imensa oficina, a maior do interior do Nordeste Pátrio, eis o que já se tornou proverbial dizer, para definir Juazeiro na atualidade.

Uma terra onde a instrução primária e secundária possuem estabelecimentos regorgitando de estudantes, capazes de ser postos em confronto com os melhores do Estado, e onde funciona e goza de grande crédito a Escola Normal Rural Modêlo de todo o País.

Terra onde se comprime uma população, só no perímetro urbano, de sessenta mil almas, e onde a ordem, o trabalho honesto, a boa alegria de viver são notas salientes e características, Juazeiro do Norte é a cidade brasileira onde se reza com mais fervor, onde a SS. Virgem é venerada com maior enlêvo, onde se ouve a Santa Missa com requintada devoção e em maior número de assistentes, onde uma simples bênção do SS. Sacramento, na Matriz, concentra, aos domingos, para mais de duas mil pessoas, em determinados meses do ano litúrgico.

Terra pobre, mas onde todos têm ocupação certa e onde o trabalho, após um dia cheio de intenso labutar,

estende-se, nos subúrbios, pela noite a dentro, à escassa luz do luar ou dos lampeões da Municipalidade.

Terra onde se fêz à SS. Virgem a mais comovida e grandiosa recepção, por motivo da passagem de sua imagem peregrina, há bem pouco tempo; recepção tão fora do comum e tão acima das possibilidades de uma cidade do interior que induziu o Padre Demoutier a falar assim: “Só em Ceilão eu assisti a uma tal demonstração de Fé”.

Terra onde, em apenas seis anos, numa região sujeita ao flagelo das sécas periódicas, se ergueu, sob as vistas dos Missionários Capuchinhos ali residentes, um dos maiores e mais admiráveis templos do Brasil a S. Francisco de Assis; templo para cuja inauguração concorreram seis Prelados e que comporta alguns milhares de pessoas.

Terra onde quase todos rezam o rosário da Mãe de Deus e onde o sacerdote católico recebe, seja êle quem fôr, um acolhimento tão filial e sincero, tão carinhoso e tocante que só uma fé profunda na magnitude do sacerdócio católico e no seu ministério de salvação pode explicar suficientemente. Sobe de ponto esta observação quando nos detemos a refletir em reiterados choques havidos entre parte daquela gente e determinados representantes da Santa Igreja, mesmo nos 39 anos decorridos após a criação da paróquia. Passado, porém, que seja o dissabor, cedo volta o caudal a seu leito e as almas de novo vão abeberar-se de luz ao pé do púlpito sagrado, e de seiva sobrenatural no tribunal da penitência e na mesa eucarística.

Para convenceremo-nos disso, não há como abrir um mapa daquela paróquia e ver o movimento religioso da mesma, por exemplo, no ano de 1950:

Páscoas realizadas entre os sócios do Círculo Operário S. José, Ginásio Sta. Teresinha, Militares, Patrões e

Operários, Ferroviários e Carregadores, Ourives, Foguistas e Pedreiros, Moças, Educandário S. José: 3.083 comunhões.

Comunhões de devoção	324.947
Confissões de Enfermos	1.575
Casamentos	416
Batizados	2.449
Viáticos e Extremas Unções	1.575

Associações Religiosas:

Apostolado da Oração, Filhas de Maria, Congregação Mariana, Sociedade S. Vicente de Paulo, Propagação da Fé, Irmandade do SS. Sacramento e de N.S. do Perpétuo Socorro, Círculo Operário S. José, etc. com um total de oito mil duzentos e cinco associados.

* * *

Melhor prova não pode haver da mentalidade católica de Juazeiro do Norte, exceção feita, naturalmente, de uns tantos mentecaptos e cegos de espírito que há por tôda parte, do que julgá-la através da saudade que seus antigos vigários, mesmo os que dali saíram desgostosos, ficaram sentindo da terrinha, saudade que só pôde extinguir-se depois que puderam regressar para lá, donde não mais quiseram afastar-se. Exemplifiquemos.

O primeiro vigário de Juazeiro foi Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva, *vir bonus dicendi peritus*, que, no fim de quatro anos cheios de frutuoso apostolado, abandonou o pôsto, francamente magoado, indo ocupar o Curato da Sé de Pelotas, no R.G. do Sul. Pois bem. Nove anos mais tarde apertaram-no tanto as saudades que voltou ao Ceará; mas, enquanto não recuperou seu lugar em Juazeiro não sentiu prazer na vida. E, durante sua nova gestão à frente de Juazeiro, não perdia vaza de fazer ver,

mesmo do púlpito, que fôra êle o culpado, e não o povo, de sua brusca retirada dali. Também, ao verificar-se-lhe o falecimento, viu-se um espetáculo invulgar no Brasil: dez mil pessoas de tôdas as classes sociais na maioria a pé, foram deixar-lhe os restos mortais no jazigo perpétuo de sua illustre família, no Crato, a treze quilômetros de distância!

O mesmo espetáculo se registrou por ocasião do sepultamento de outro de seus vigários, Monsenhor Jovinianno Barreto, igualmente sepultado naquela cidade episcopal. Embora fôsse dia de grande feira e animado comércio, tudo parou, como por encanto, para concentrar-se a atenção geral no lutuoso fato em perspectiva. Tôda a cidade se deslocou à noite para velar o cadáver na Matriz, em comovida romaria. E não se tratava de sacerdote que sempre houvesse estado em harmonia de vistas com a opinião geral da terra. Mas era um bom e zeloso ministro da Santa Igreja, e tanto bastava para aquela inusitada demonstração de pesar e solidariêdade.

Monsenhor Manuel Macedo, segundo Vigário, ainda não terminava seu triênio de paroquiato, quando, exaurido por uma trabalhadeira incessante e absorvente, resignou, por sua vez, as funções paroquiais; e não sem desgosto, não do povo, e sim do caudilho Floro Bartolomeu, que então dominava, tirânicamente, a atual Cicerópolis. Ao despedir-se, porém, mal contendo o amargor da retirada, assim encerrou seu discurso:

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá:

Não permita Deus que eu morra

Sem que volte para cá. (Glz. Dias)

E' verdade que não voltou definitivamente, como

aconteceu a dois outros ex-vigários daquela terra incompreendida, pois a Santa Sé precisou de seus serviços na Direção Espiritual do Seminário Provincial de S. Paulo e, mais tarde, como Visitador Geral da Congregação das Irmãs de Jesus Crucificado. Dispondo, todavia, de férias mais prolongadas, é para lá que, de preferência, costuma encaminhar-se; e lá se fica no seu conhecido afã de evangelizador, feliz de ainda poder servir a seus antigos paroquianos.

NOTA FINAL

Já se achava no seu ablativo esta humilde publicação quando me veio ao poder sigilosa carta de distinta senhora do Cariri, dizendo-me: “Encontrei-me com nosso Vigário que foi logo me pedindo notícias suas. Ele me rogou que fizesse tudo para o Sr. não dar resposta ao P.G. Lembrou que se trata de um homem muito forte, que sabe da vida de todo o mundo e todos têm medo dele... E acrescentou: “Não viu como ele se referiu à mãe do Padre Azarias, chamando-a Madalena nas semanas santas do Padre Cícero? Aquilo foi muito grave...”

Poucos dias depois, recebi outra carta da mesma zona firmada por conhecido farmacêutico, carta na qual me concitava a fazer mais um ato de humildade, não dando qualquer resposta a APOSTOLADO do EMBUSTE. E dizia ainda: dessa resposta pode resultar uma luta de conseqüências muito graves. Além disso, consta que o autor está bastante arrependido...

A tôdas essas sugestões, tenho a dizer com Eduardo Girão: “O desprêzo da honra, como o da vida, é também um suicídio.” Não nasci, parece-me, com vocação para sacrificar a honra a nenhum outro interêsse, seja embora a conservação da vida. Ainda

que daí me sobreviesse a morte, afirmo que morreria feliz de ter proclamado a verdade, ou seja aquilo que tal se me afigura. Ac menos assim, poderia suceder que, daqui a quarenta anos, algum cronista piedoso, recordando a polêmica em que estou empenhado, pusesse esta manchete no frontespício de seu escrito: A MEMÓRIA do PADRE AZARIAS SOBREIRA, UM SACERDOTE MÁRTIR.

* * *

Tomo a Deus por testemunha de que, conscientemente, não me arredei da verdade em tudo que se contém nesta minha despretenciosa publicação. Tomo-O também por testemunha de que continuo a amar, por amor d'Ele, ao meu ferrenho contraditor; nem quero para mim e os meus qualquer prosperidade que por igual não deseje do íntimo dalma, para Sua Senhoria.

Desde já, fica a minha farta documentação ao dispor de todos os homens sérios.

Aracati, 20 de Maio de 1956.

Pe. Azarias Sobreira

Apêndice I

EM DEFESA DE UM ABOLICIONISTA

Ainda há poucos dias me veio às mãos, gentilmente ofertado pelo seu ilustre autor, um folheto de cunho biográfico, brochura de 28 páginas e com o título de **Um Civilizador do Cariri**.

Trabalho documentado e escrito em linguagem corrente e sóbria, consoante os imperativos desse gênero literário, foi para mim um prazer a sua leitura, mesmo porque o que ali se diz em torno de Basílio Gomes da Silva, a figura central do folheto, coincide, perfeitamente, com o que já me fôra dito a respeito.

Aconteceu, porém, que, da página 24 por diante, o autor, mudando de rumo, passa a ocupar-se, até o fim, de José Joaquim Teles Marrocos, inolvidável abolicionista, educador e jornalista cearense. E não para apontá-lo ao aprêço da posteridade, e sim, para denegrecer-lhe a memória atribuindo ao mesmo procedimento tão infamante que, a ser comprovado, pô-lo-á no rol dos Joseph Fouché, dos Silvério dos Reis e outros que tais.

Se, ao menos, o signatário do opúsculo houvesse seguido o caminho de Raul Carvalho, ocupando-se do assunto em simples artigos de jornal, nunca eu sairia de meu anonimato para uma tentativa de restauração do bom nome de uma tal individualidade, tão de perto ligada à história da abolição no Ceará. Mas o instrumento de que lançou mão o biógrafo de Basílio Gomes da Silva é desses que exigem imediata análise, antes que seja por todos aceito tão arrasador juízo sobre Marrocos.

O que tenho em mira é também cooperar no sentido de esclarecer melhor o futuro historiador, ajudando-o,

com novos dados, a descobrir a verdade e, só depois de exaustivamente informado, lançar o seu veredictum.

Eis o que se encontra nas páginas finais de **Um Civilizador do Cariri**:

“Quando a química do Professor José Marrocos, associada à astúcia da beata Maria de Araújo e à boa fé do Padre Cícero, maravilhava o Cariri com a apresentação, na capela de Juazeiro, do simulado milagre de sangue, pretensamente de origem divina, Basílio Gomes abalou-se e transportou-se para aquela localidade, resolvido a demorar dias.

“Mas apenas três dias eram passados, comunicou discretamente à espôsa: **Vamo-nos embora. Aqui não há nada do outro mundo.** E voltou a Brejo Santo, onde passou a repetir a quantos o interpelavam sobre os fatos estranhos, em curso no Juazeiro: **O Padre Cícero está enganado.** Por isto Brejo Santo permaneceu imunizado da superstição em aprêço.

“Só muito depois o Padre Cícero se advertiu de que fôra logrado, conforme o confessou sigilosamente em presença do coronel Antônio Luís Alves Pequeno, chefe político do Crato; Antônio Nogueira, irmão do autor de **O Cariri**; Dr. Raul de Sousa Carvalho e José Dourado. Essa confissão ocorreu nas vizinhanças da cidade do Crato, à margem da estrada Crato-Juazeiro, em casa de Isabel Roldão, à altura do cemitério do cólera.

“Movidos por amigos comuns, ali encontraram-se o referido coronel e o Padre Cícero, para o fim de reatarem as relações pessoais, rompidas quando o primeiro se opusera à independência política de Juazeiro, antes distrito de Crato.

“Após a mencionada revelação do Padre Cícero, Antônio Luís o censurou pelo fato de não haver dado divul-

gação ao embuste de que fôra vítima. Defendeu-se, o ex-probado, alegando que a revelação teria entravado o crescimento de Juazeiro.

“Assim, Juazeiro cresceu vertiginosamente ao embalo de um embuste, para cuja manipulação concorreu valiosamente um Formulário de preparação de anilina solúvel à base, em 1910 surpreendido de mistura com uns velhos paninhos, outrora tintos nos lábios rubros de Maria de Araújo. Surpreendido, repito, pelo citado Dr. Raul de Sousa Carvalho, Juiz de Direito de Crato, no espólio do dito Professor José Marrocos, falecido naquele ano de 1910.

“Com a invectiva — “Tome as suas porcarias” — o Coronel Antônio Luís passou ao Padre Cicero, por ocasião da aludida entrevista, o Formulário do Professor José Marrocos e os famosos paninhos, os quais tinham sido depositados pelo Dr. Raul Carvalho em mãos do mesmo Antônio Luís. Padre Cicero os conduziu para Juazeiro.

“Anos decorridos, falecendo, em Juazeiro, a beata Bichinha, velhinha cândida e de confiança absoluta da casa do Padre Cícero, ditos paninhos foram encontrados, condicionados numa pequena caixa, a que o então vigário daquela paróquia, Monsenhor Joviniano, deu o fim merecido. Era o último vestígio da química de Zèmarrocos!

“Os aludidos paninhos foram recolhidos, em certo dia do ano de 1891, à matriz de Crato, para exame científico posterior. Daí furtaram-nos misteriosamente.

“No dia do falecimento do Professor José Marrocos, surgiu em Crato o Padre Cícero a exigir que lhe fôsse entregue o espólio livresco do extinto. Recusando-se o Dr. Raul Carvalho, o pretendente acenou com o emprêgo da fôrça. Tudo em vão! Atribuiu-se ao Professor Marrocos

a subtração dos tais paninhos.

* * *

“Marcado de jansenismo prático, traduzido na fuga à comunhão eucarística, de que se julgava absolutamente indigno, o Professor José Marrocos foi dispensado do Seminário, já diácono. De então até a morte, não se confessava. De sua vez, o Patriarca de Juazeiro, por motivos de certos exageros místicos, teria talvez esbarrado à porta do sacerdócio, não fôra a intervenção pessoal de Antônio Luís Alves Pequeno, pai do referido de igual nome, junto a Dom Luís Antônio, Bispo do Ceará.

“O Professor José Marrocos procedia de João Marrocos Teles (pe.) e era neto materno de Alexandre Leite de Oliveira, jesuíta egresso, e tetraneto de José Pereira Aço, o rival da família Feitosa. De cultura humanística bem assimilada, jornalista com serviço de um ano prestado à imprensa carioca, professor emérito, muito lhe deve a instrução de Crato, que lhe perpetuou o nome numa de suas ruas, merecidamente.

* * *

“Depois de recebida a comunhão, as beatas velavam o rosto com o manto, punham na boca a hóstia branco-vermelha (não consagrada, já se vê) que traziam oculta. Fingiam êxtase, do qual eram despertadas pelo sacerdote que lhes ordenava abrissem a boca. Eis o milagre.”

* * *

Até aqui o trecho final do folheto em apreciação.

Antes do mais, assiste-nos o direito de perguntar ao Dr. Raul Carvalho, criatura de índole expansiva e afei-

to às lides de imprensa, por que deixou escoarem-se 44 anos para trazer a público tão sensacional revelação. Medo? Esquecimento? Conveniência? Em tal caso, por que, ao menos numa boa revista do País, não editou o episódio que tamanha repercussão poderia ter, enquanto estavam vivos os que poderiam dar-lhe o competente desmentido? Há vinte e um anos morreu o Padre Cícero, há vinte e oito morreu Floro Bartolomeu... Porque tamanha procrastinação?...

Além disto, não é nada difícil de acontecer que, com o perpassar das décadas, as impressões colhidas no instante do encontro se tenham alterado na retentiva do articulista, não de caso pensado e sim por efeito de velhos recalques, por efeito do subconsciente sequioso de represália a umas tantas mágoas sofridas outrora. Como se depreende da leitura do **Correio do Cariri** (?), o bem feito semanário situacionista do Crato, onde escrevia o Dr. Raul, S. Sa., embora filho de Ipú, embora arvorado em Juiz de Direito, cedeu à sedução da luta facciosa e tomou partido contra Juazeiro, escrevendo apaixonados artigos sob a epígrafe: **Juazeiro d'Água Abaixo**.

Longa foi a refrega, dia a dia mais acesa, em vista do tom provocador que assumia, do outro lado, a pena mordaz e embebida de fel de Alencar Peixoto, que havia fundado **O Rebate**, primeira manifestação de imprensa em Juazeiro e especialmente criado para excitar os ânimos contra a dominação política, já por demais humilhante, do Crato.

Reler o que então se publicava nas duas localidades em choque equivale a verificar que nem sempre saiu Raul Carvalho sem alguma mozza ou contusão. E daí a possibilidade de recalques, capazes de alterar notavelmente o espírito de sua narrativa. E, se a realidade objetiva cor-

responde ao horror trazido a lume, só em 1954, pelo ex-Juiz de Direito, como explicar que, tendo sido quatro as figuras cratenses que assistiram à tal entrevista com o Padre Cícero, nenhuma delas, por espaço de 44 anos, já-mais tenha traído êsse segredo, nem mesmo o guarda-costas José Dourado?

Há ainda impressionante observação a fazer. E' que, sendo o historiador Irineu Pinheiro, sobrinho, amigo do peito e o elemento de maior projeção do Coronel Antônio Luís, não se concebe haja aquêlé intelectual ficado na ignorância de tais ocorrências. E, se estava a par de tudo, como justificar nêle, no seu papel de historiador, o relato que fêz, na sua obra **Juazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914**, dos mal fadados milagres de Maria de Araújo? Se sabia de tão triste explicação para o caso, por que nem de leve a insinuou? Por que, ao menos em reserva, nada adiantou a respeito em suas constantes confabulações com o primeiro bispo do Crato, seu antigo mestre, seu confidente e de quem era médico?

Sem receio de contestação, afirmo que jamais Irineu Pinheiro revelou a Dom Quintino Rodrigues qualquer coisa que pusesse uma grande interrogação em tórno do caráter de José Marrocos. Porque, se Dom Quintino houvesse ficado persuadido de ser Marrocos capaz de tão negregado proceder, em suas reiteradas palestras comigo, durante dez anos em que vivi perto dêle e no gôzo de sua inteira confiança, máxime quando me teve de falar — e quantas vêzes! — da **questão religiosa de Juazeiro** e mesmo de José Marrocos, por certo me teria adiantado impressões tão próprias a definir aquêlé educador.

Mas o que posso sustentar, à face de Deus e dos homens, é que nunca Dom Quintino, ainda por ocasião da leitura que andou fazendo para mim de exaustivos docu-

mentos relacionados com o tal **precioso sangue**, me disse uma palavra sequer contra a honradez de Marrocos. E quem conheceu o venerando prelado sabe quanto êle era conhecedor dos homens do Cariri e quanto era desassombrado no desmascarar a impostura e o embuste.

* * *

Existe ainda outro aspecto da matéria em foco, talvez mais digno de reflexão e exame. E' que José Marrocos não passou pelo sul do Estado como uma ave de arribação. Nascido no Crato, ali viveu tôda a sua infância e tôdas as férias de seu currículo estudantil, seja em Cajazeiras, sob a direção do sábio Padre Inácio de Sousa Rolim, seja em Fortaleza, no Seminário Maior daquela cidade. Deixando a carreira sacerdotal quase às vésperas do presbiterato, rumou para o Rio, e logo entrou a militar na imprensa com o ardor de um cruzadô, ombro a ombro com José do Patrocínio e Joaquim Nabuco, empolgado pelo ideal abolicionista.

Quando lhe pareceu que a idéia já estava suficientemente amadurecida, velejou para o Ceará e aqui, de mãos dadas com Justiniano de Serpa e Antônio Martins, dois bravos pioneiros do movimento anti-escravista, fundou o jornal **O Libertador** com o fito ostensivo de extirpar o cancro social que era o cativeiro no Brasil. Quem quiser, em dois minutos, adquirir uma noção do papel então desempenhado por Marrocos, ajudado por aquêles dois inolvidáveis cearenses, é só abrir "O Ceará" (de R. Girão e M. Filho), à página 180. E é Marrocos o **primus inter pares**. E quem isto afirma é Antônio Sales, autoridade no assunto.

No empenho de dar maior relêvo ao elemento escura-

vo, promoveu e viu concretizada a construção de uma igreja em honra de S. Benedito, o pretinho, onde os pobres negros pudessem reunir-se sem a humilhação de sentir-se os derradeiros na casa de Deus. Aí está, ainda agora, o templozinho marroquino atestando, eloquentemente, os seus sentimentos de Fé católica e sua capacidade de renúncia a favor do próximo, fôsse quem fôsse.

Uma vez triunfante a campanha abolicionista, que fêz Marrocos? Longe de usufruir as vantagens a que tinha direito pelos serviços prestados à coletividade, longe de colher o fruto de suas nobres reivindicações, o que fêz foi entregar os louros aos colegas da jornada e rumar para sua terra-berço, a fim de nela consumir tôda a sua longa existência no ofício hiper-meritório de preceptor da mocidade. Falecido lá pelos setenta anos de idade fechou os olhos no instante em que chegava da missa dominical e em pleno exercício de suas espinhosas funções de indefesso e pertinaz mestre de humanidades.

E quando foi que o viram converter em balcão a sua atividade como jornalista e educador? Quando foi alguém solicitar-lhe uma carta, um discurso escrito (falado não, pois não tinha queda para a tribuna, tal como Antônio Sales), um conselho, uma esmola, um lugar gratuito para um menino esperançoso no seu colégio, e de lá regressou decepcionado? Duvido que se me aponte um exemplo.

E a quem foi jamais pesado José Marrocos? A quem ocupou industriosamente, a quem explorou, jamais, a boa fé ou seja o que tenha sido? O que se sabe de sua peregrinação pela terra nos conduz, exatamente, a conclusões opostas às que nos são inculcadas pelo autor de *Um Civilizador do Cariri*. Modesto no seu *modus vivendi*, modesto nos seus haveres, isento do mais pequenino vício, exceto o café e não me recordo se o cigarro; trajando sempre ir-

repreensivelmente, mas sem afetação; falando sempre com elegante dicção, porém com evangélico comedimento de expressões; interessado no maior bem-estar de seus conterrâneos, mas sempre a cavaleiro das incessantes tricas políticas; militando frequentemente no jornalismo, mas fazendo imprensa elevada e construtiva à João Lopes e Andrade Furtado; amando apaixonadamente a paz, porém nunca descendo, para isto, a um ato de bajulação e muito menos de servilismo diante dos tucháuas, regionais ou da capital; ganhando pouco, mas bastando-se a si mesmo e nunca assumindo compromissos financeiros que o diminuíssem na consideração pública — Marrocos nunca foi um ambicioso, um gozador, um caráter acomodaticio, um **homo duplex**, um cidadão indefinido, um caçador de popularidade e muito menos de elogios. Viveu suas sete décadas à luz da publicidade, à disposição dos que o iam procurar: para seus alunos, para a defesa do que lhe parecia verdade e bem, em sentido sempre vertical, de cabeça sempre erguida, alvo do respeito de todos os homens de bem que o cercavam, inclusive de seus adversários, que não lhe faltaram e ante os quais nunca fêz uma curvatura vertebral.

Quanto à Religião, ignoro se comungava anualmente. O que sei é que não perdia a Missa dominical, que em Barbalha, onde manteve, por longos anos, um instituto de educação, frequentemente visitava, à noitinha, o SS. Sacramento na Matriz. Que seus amigos mais do peito foram sempre os homens mais respeitáveis daquela terra: os três da firma Sampaio e Irmãos, e Totônio Filgueira, e Pedro Lobo de Meneses, e Vivi Sampaio, etc. Que pena não sejam vivos o Padre Antônio Jataí e o Padre Miguel Coelho para deporem nesta oportunidade! Ouçam-se, entre-

tanto, Monsenhor Silvano de Sousa, Dr. Leão Sampaio, Dr. Florêncio de Alencar, Padre Antônio Coelho, José Bezerra de Brito, os três irmãos Fernandes Teles, Dr. Elísio Figueiredo, José Alves de Figueiredo, Francisco de Leão Alencar, Mons. José A. de Lima, Dr. Juvêncio Santana, Francisco Néri da Costa Morato, varões de superior formação moral e à altura de trazerem o seu testemunho pró ou contra Marrocos. Como também o Dr. R. Gomes de Matos, o Senador Fernandes Távora, Dom Joaquim G. de Luna, Dr. R. Norões Milfont.

Agora uma pergunta: se tão ilustre cratense, em todo o seu longo peregrinar pela terra, pautou seu procedimento por semelhante estalão, como admitir nele, exatamente na idade madura, uma descaída ignominiosa, qual a que se lhe atribui no folheto em foco? **Ninguém se torna péssimo nem ótimo da noite para o dia.** Tanto a subida ao vértice da perfeição quanto a descida ao fundo do precipício moral faz-se gradativamente: gole por gole, degrau por degrau. Se Marrocos, uma natureza inimiga de confidências, um temperamento altaneiro e fidalgo, um homem que não baixava a mexericos e conversas escusas, saiu algum dia de seus cuidados, da atmosfera límpida em que costumava viver para, com a audiência ou à revelia do Padre Cícero, ensinar uma preta ignorante e sem o menor atrativo, a profanar o sacramento da Eucaristia, cuja grandeza 'êle estudara nas fontes e por cuja glória parecia disposto a todo sacrifício, então teremos esbarraço diante de um problema de mortificante decifração, bem digno de ser estudado pelos mestres da psiquiatria moderna.

E como foi que, depois de ter caído tão espetacularmente, pôde soerguer-se de pronto e ficar, por mais deze-

nove anos, até a morte, seguro de sua orientação, extreme de vícios e indignidades?

Chegado a êste ponto de nossas considerações, não andaríamos melhor interpretando sob outro prisma o facto de terem sido encontrados, entre os livros e móveis de Marrocos, os paninhos em questão e também um livro com fórmulas para a produção de uma aparência de sangue, mediante o emprêgo de determinada anilina?

* * *

Meu ponto de partida, depois do que levo dito, vem a ser o seguinte: se José Marrocos, um belo espécime de inteligência ponderada, homem que sempre sobrevoou aos labirintos e intrigas da politicalha de antanho, durante dezenove anos consecutivos após a condenação dos pseudo-milagres de Juazeiro, conservou não só os **paninhos ensanguinhados**, mas também um tal livro; se o fêz sabendo que, em suas reiteradas permanências em Barbalha, poderia ser roubado em objetos tão cobiçados e tão comprometedores, é porque outro havia sido o seu objetivo na obtenção e conservação de uma e outra cousa.

Qual? — perguntar-me-ão. Quanto ao livro, para o fim de desfazer as alegações aduzidas por certos de seus adversários, afirmando que se tratava de sangue de galinha, ou então de anilina. . . Com um tal formulário à mão, aliás escrito em francês e de autor competente, estaria habilitado a pulverizar êsse novo argumento que lhe haviam lançado em rosto.

Quanto aos **paninhos ensanguinhados**, para me servir de uma tachativa expressão de Dom Quintino Rodrigues, a meu ver, o que movia José Marrocos a permanecer com êles contra expressa determinação da Autoridade Diocesana era, simplesmente, a convicção em que estava,

e em que talvez haja morrido, de ser de franca origem sobrenatural e divina o sangue aparecido nas hóstias recebidas por Maria de Araújo.

Objetivamente errados, êle e o Patriarca bem poderiam estar subjetivamente certos; e, em vista dessa sua visão obnubilada, merece, no tribunal divino e também no da posteridade, a devida absolvição. Profundamente convencidos do caráter sobrenatural do misterioso sangue, arreceavam-se de que o mesmo sofresse profanação... e o defendiam assim. Do contrário, ter-se-iam desembaraçado do livro e dos paninhos, metendo-os no fogo, sem detença.

* * *

Suponho haver atingido o térmo final do humilde trabalho a que me senti arrastado por um imperativo de consciência, mercê de Deus sempre ávido de justiça: **sum cuique tribuere**. Tamanha foi a isenção de espírito com que entrei nesta apreciação que, se Marrocos houvesse sido um inimigo de minha família e até meu inimigo pessoal, para reivindicar-lhe a honrada memória, teria saído a campo com igual disposição e não menor calor. E' o caso: **dilexi justitiam**.

Mais uma observaçãozinha, e pingarei o ponto final. E' que, se me não mente a memória, no processo canônico a que Maria de Araújo foi submetida, lê-se o seguinte: que, momentos antes de lhe ser dada a Sagrada Comunhão pelo Padre Glicério da Costa Lobo, chefe da comissão incumbida de inspecioná-la, e composta de outro sacerdote cearense e dois médicos dos de maior projeção estadual, dava-se-lhe solução de nitrato de prata para bochechar... Ora, sabe-se que o nitrato de prata tem a propriedade de tornar impossível a salivação por bom espaço de tempo. Sendo assim, mesmo que a beata

pretendesse, num como passe de mágica, pôr na boca a massa branco-vermelha, de que nos fala o articulista que venho comentando, para o fim de dar a impressão de sangue, como não ser logo pegada em flagrante? E, na hipótese pouco provável de conseguir burlar a vigilância dos elementos da Comissão, como poderia ela, sem o auxílio da saliva, molhar a referida massa para a efetivação do sacrílego embuste?

Ao julgador imparcial, a crítica do caso.

* * *

Para ter-se idéia da distância em que vivia Maria de Araújo em relação a José Marrocos, seja-me dado referir um episódio que, há quarenta anos, mais de uma vez ouvi dos lábios de minha mãe. E' que, na época dos famigerados milagres, a famosa beata, cônica de sua pequenez, desejando ouvir ler uma Imitação de Cristo que José Marrocos possuía e da qual ouvira falar como coisa muito compreensível, mandou tomá-la de empréstimo a Marrocos, mas servindo-se, abusivamente, do nome de minha mãe... Marrocos depois tirou o fato a limpo, ficando a autora de meus dias bem desapontada com o abuso de confiança. E a autora de meus dias sabia onde tinha a cabeça e não era mulher para ser apanhada em contradição, Deus louvado.

O restante a ser comentado encontra-se implicitamente entendido através do que deixei acima exposto.

* * *

NOTA — Absteve-me de declinar o nome do autor de **UM CIVILIZADOR DO CARIRI** por mera deferência à circunstância de ser meu confrade e particular amigo. Em todo caso, **AMICUS PLATO, SED MAGIS AMICA VERITAS.**

Aracati, Setembro de 1950

Apêndice II

O TESTAMENTO

Para a decifração do fundador de Joazeiro, talvez nenhuma contribuição se possa deparar mais decisiva do que o seu testamento.

Trabalho redigido à luz da eternidade, por ocasião de uma moléstia pertinaz, se bem que onze anos antes de sua morte, no seu testamento, mais do que nos outros passos de sua carreira acidentada e contraditória, deve vislumbrar-se o seu pensamento íntimo, a raiz central de suas lucubrações.

Através dessas páginas, simplórias e chãs, escritas em outubro de 1923 e que só foram conhecidas após o seu passamento, deparamos um padre Cícero bem diferente do que esperavam, tanto os seus endeusadores quanto os seus desafetos.

NÃO SE FAZ DE PROFETA

Começa por declarar que não conhecia a época de sua morte: — “Achando-me adoentado, mas sem gravidade e em meu perfeito juízo, e na incerteza do dia da minha morte, tomei a resolução de fazer o meu testamento.....”

Ante uma tão formal declaração, não cairá por terra, pelo menos em parte, a preocupação que lhe atribuíamos de se impingir por adivinho e profeta? Quem assim fala não parece equiparar-se aos outros filhos de Adão?

TINHA PAI E MÃE, COMO NÓS

Logo adiante, na mesma página, esclarece a sua fi-



PE. CÍCERO ROMÃO BATISTA

liação exata: — “Declaro, diz êle, que sou filho legítimo dos falecidos Joaquim Romão Batista e Dona Joaquina Vicência Romana, e nasci na cidade do Crato, neste Estado do Ceará, no dia 24 de março de 1844”.

À vista de tais dizeres, recua ao terreno da dúvida a certeza que muitos tinham de que o patriarca vivia empenhado em disfarçar a sua verdadeira origem, querendo passar por anterior ao dilúvio universal, menos homem do que um anjo caído do céu.

QUEM O FEZ PADRE

Semelhante interpretação é plenamente confirmada pelo tópico imediato onde assegura: — “Como profissão, adotei o ministerio sacerdotal, de acôrdo com as ordens que me foram conferidas pelo então bispo do Ceará, Dom Luis Antônio dos Santos, de saudosa memória.....”

MORTAL ENTRE OS MORTAIS

Longe de se dizer igual ao Altíssimo, êle reconhece que de Deus é que recebeu não somente a saúde e a vida, mas também o gozo de suas faculdades mentais. Depois de afirmar que professou o sacerdócio católico conforme a propria vocação, com amôr, dedicação e boa vontade, acrescenta. — “... desejando assim continuar enquanto o bom Deus, pela sua divina misericórdia, me conceder fôrças e consciência dos meus atos.”

SUA RENÚNCIA INICIAL

“Declaro mais, afirma em seguida, que, desde a minha ordenação, mesmo durante o pouco tempo que fui vigário da paróquia de São Pedro do Crato, nunca recebi um real sequer pelos atos religiosos que tenho praticado como sacerdote católico.”

EM QUE EMPREGOU AS ESMOLAS

“Declaro mais que todos os dinheiros que me foram e continuam a ser dados, como ofertas (feitas) a mim unicamente, os tenho distribuido em atos de caridade que estão no conhecimento de todos, bem como em grandes e vantajosas obras de agricultura, cujo resultado tenho aplicado em bens que ora deixo, na maior parte, para a benemérita e santa Congregação dos Salesianos, afim de que funde aqui, no Juazeiro, os seus colégios de educação para crianças de ambos os sexos.”

OS SALESIANOS — SUA PRÓPRIA PESSOA

“Estou certo, continua êle, que todos os romeiros aqui domiciliados, ou de pontos distantes, como prova de estima e amizade a mim, e em louvor e honra à Virgem Mãe de Deus, continuarão a frequentar êste meu amado Juazeiro com a mesma assiduidade, e auxiliarão aos beneméritos Padres Salesianos, como se fôsse a mim próprio.”

DE QUE FAZ DEPENDER, NO ALÉM-TUMULO, A SUA TRANQUILIDADE.

E, desenvolvendo os mesmos pensamentos, ajunta: — “. auxiliarão os beneméritos Padres Salesianos para a manutenção aqui. dos seus colégios, cuja existência. nesta terra será a maior tranquilidade para a minha alma na outra vida.”

Do que acabamos de ler, forçoso é concluir não só a confiança imensa que o patriarca depositava nos filhos de Dom Bosco, porém, sobretudo, o seu apaixonado amor à instrução, a ponto de dar a entender que não acharia inteira paz na outra vida, se não fôsem cumpridas as suas

disposições, neste capital assunto.

A QUEM DEVE A SUA CASTIDADE

“Devo ainda declarar, por ser para mim uma grande honra e um dos muitos efeitos da graça divina sôbre mim, que, em virtude de um voto por mim feito aos doze anos de idade, pela leitura que, nesse tempo, eu fiz da vida imaculada de São Francisco de Sales, conservei a minha virgindade e a minha castidade, até hoje.”

Em tais expressões do padre Cícero, exatamente textuais, somos levados a enxergar uma resposta ao autor careense que, depois de haver-lhe tecido, mesmo pela imprensa, os maiores encômios, apontou-o ao mundo como um monstro sem entranhas, capaz até do crime de adultério.

Palavras dêste quilate exprimem sentimentos humildes, e quem as profere, parece longe de querer a própria divinização, já que se mira na vida de um santo, feito de carne e ôsso, como nós.

SEU ESPÍRITO DE TOLERÂNCIA

E prossegue: — “Afirmo que nunca fiz mal a ninguém, nem a ninguém votei ódio nem rancor, e que sempre perdoei, por amor de Deus e da SS. Virgem, a todos os que me fizeram mal, consciente ou inconscientemente.”

PORQUE SE FÊZ POLÍTICO

Eis as suas sensacionais declarações sôbre o melindroso assunto: — “Nunca desejei ser político; mas, em 1911, quando Juazeiro, então povoado, foi elevado à categoria de vila, para atender aos insistentes pedidos do então presidente do Estado e meu saudoso amigo, comendador Antônio Pinto Nogueira Acióli, e, ao mesmo tem-

po, evitar que outro cidadão, na direção política dêste povo, por não saber ou não poder manter o equilíbrio de ordem até então por mim mantido, compromettesse a boa marcha desta terra, ví-me forçado a colaborar na política.”

PEDE MISSAS

Depois de ter determinado que, verificada a sua morte, seis propriedades suas fôsem vendidas, tendo em vista o pagamento de dívidas que porventura deixasse, dispõe que o excedente sêja empregado em benefício de diversas moças pobres, suas protegidas, como também em missas para sufrágio de sua própria alma, sem esquecer as almas do purgatório.

A VIRGEM MARIA — ÚNICO REMEDIO.

Depois de manifestar que se acha perto da morte, o padre Cícero roga, aos seus romeiros, que não se afastem da sua cidade; e, neste sentido dá-lhes expressivos conselhos: — “... continuem domiciliados aqui, no Juazeiro, venerando e amando sempre a SS. Virgem Mãe de Deus, **único remédio de tôdas as nossas aflições**; auxiliando a manutenção do seu culto e de tôdas as instituições religiosas que aquí se fundarem, e, com especial menção, a dos beneméritos Padres Salesianos que serão meus continuadores nas obras de caridade que aqui fundei...”

A IGREJA CATÓLICA — PORTA DO CÉU

E, sem se distanciar da mesma ordem de conceitos, adianta: — “... peço, como sempre aconselhei, que se-

jam bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedientes às leis da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, no seio da qual tão somente pode haver felicidade e salvação.”

Como a indicar o grau de seu zêlo pela eterna bema-venturança dos seus, persiste ainda nas mesmas ortodó- xas recomendações: — “..... e sêjam bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedien- tes às leis civís e da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, no seio da qual tão somente poderemos encon- trar felicidade e salvação.”

A parte restante do testamento excetuados peque- ninos tópicos, consta de uma longa e minuciosa enume- ração de bens, quasi todos imóveis, no valor de uns mil contos de reis, que legou à igreja-matriz da sua Ciceró- pole e, particularmente, à Igreja Católica, na pessoa da Congregação dos Padres Salesianos, objetivando, sempre, o esplendor do culto e a educação da juventude, em moldes católicos.

Ao cabo de tudo isto, não se fica mesmo emudecido? Não é êste o mesmo padre Cícero de quem se disse, alto e bom som, que negou pão e água ao serviço de alfabeti- zação do seu povo?

Não seria exatamente a **conciência católica** de que fazia menção Jackson de Figueirêdo, **conciência católica absolutamente indestrutível, resistente aos erros alheios, resistentes a todos os seus próprios erros?!**

Apêndice III

DO JORNAL "CONSTITUIÇÃO" DE 31 DE OUTUBRO
DE 1875

FELICITAÇÃO

Ilmo. Sr. — Nós abaixo assignados, alumnos de latim no Lyceu do Ceará, faltariamos ao duplo dever de gratidão e apreço, se não significassemos á V. Sa. que foi bem sensível a sua retirada do magisterio que exerceo entre nós desde o dia 9 de setembro até 22 expirante.

Perfeito latinista, V. Sa. fez-nos apreciar a belleza da lingua sublime que não morreu com Virgilio e Cicero, Horacio e Tito Livio, deu-nos o gosto e o exemplo dos classicos, que empenhou-nos ao mais serio estudo dos autores latinos.

Permitta-nos pois V. Sa. que agora que se ausenta de nós, lhe dirijamos pelo presente documento um solene voto de apreço que passará alem dos bancos escolares: Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.

Deus guarde a V. Sa. — Ilmo. Sr. José Joaquim Telles Marrocos, M. D. lente interino das duas cadeiras de latim do lyceu do Ceará.

OS ESTUDANTES

Antonio Ferreira da Costa Lima, Cloves Bevilaqua, Leoncio Gurgel do Amaral, Raimundo Justiniano de Oliveira, João Firmino Dantas Ribeiro, Francisco B. da Costa Filho, Domingos Eustaquio Vieira, Antonio Pauli-

no Delfim Henrique, Jácome da Cunha Freire, Leopoldo dos Santos Brigido, Francisco Nogueira de Holanda Lima, Marcos Franco Rabelo, Eugênio Augusto de Moraes, Francisco Dias Martins, Livino Lopes Dantas Ribeiro Filho, Manuel José de Melo, Rodolfo Teófilo Ribeiro, Francisco Pereira Ibiapina e Antônio Albano dos Santos.

Liceu do Ceará, 23 de outubro de 1875.

CORRIGE

	Em vez de:	Leia-se:
Pg. 11, linha 28	Deusa	Deus
” 14, linha 10	s'rias	sérias
” 25, linha 26	apunha	opunha
” 33, linha 6	umo	um
” 43, linha 19	ganacioso	ganancioso
” 83, linha 11	careense	cearense
ibdem ibdem	tessido	tecido